



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO LICENCIATURA EM DANÇA

MÁRCIA VITÓRIA DE CARVALHO RODRIGUES

**HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIRA
FLOR DO CANDORINA DE CURUÇÁ – PA**

BELÉM-PA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO LICENCIATURA EM DANÇA

MÁRCIA VITÓRIA DE CARVALHO RODRIGUES

**HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIRA
FLOR DO CANDORINA DE CURUÇÁ – PA**

Monografia apresentada à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Augusto Duarte Amaral.

BELÉM-PA
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Rodrigues, Márcia Vitória de Carvalho.

História e transformação da Quadrilha Roceira Flor do Candorina de Curuçá - PA / Márcia Vitória de Carvalho Rodrigues ; orientador Jaime Augusto Duarte Amaral. – 2014.

74 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Dança) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Belém, 2014.

1. Quadrilha (Dança) – História – Curuçá (PA). 2. Festas juninas – História – Curuçá (PA). 3. Danças folclóricas – Curuçá (PA). 4. Quadrilha Roceira Flor do Candorina (Curuçá, PA) – História. I. Amaral, Jaime Augusto Duarte (Orient.). II. Título.

CDD 23. ed. – 793.34098115

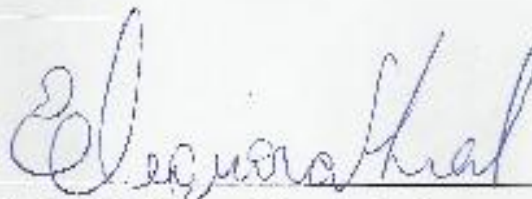
MÁRCIA VITÓRIA DE CARVALHO RODRIGUES

**HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIRA
FLOR DO CANDORINA DE CURUÇÁ - PA**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do título de Licenciado em Dança,
e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Data: 02/07/2014

Conceito: BOM



Prof. Dr. Eleonora Ferreira Leal



Prof. Dr. Jaime Augusto Duarte Amaral

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Mônica Vitória de C. Rodrigues

Local e Data Belém, 02 de julho de 2014

Dedico inteiramente aos meus pais, Evanildo Sabino Borges Rodrigues e Valmira de Carvalho Rodrigues, que sempre me deram força e não mediram esforços para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

São muitos aos que devo agradecer pela colaboração incondicional na realização deste trabalho.

Agradeço, primeiramente, a Deus pela iluminação, sorte, força de vontade e determinação.

Aos meus pais Evanildo Sabino Borges Rodrigues e Valmira de Carvalho Rodrigues pelos conselhos, a imensa compreensão, por todas às vezes que fiz com que seus cabelos ficassem cada vez mais brancos.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Jaime Amaral por ter acreditado no meu empenho na realização desta monografia.

A minha colega de sala, Lorena Dantas, pelo companheirismo em momentos de angústia e aflição na escrita desta monografia.

A todos os entrevistados que considero como as grandes estrelas desse trabalho por terem se disponibilizado, concedendo-me até mesmo seus materiais documentais para estudo.

Aos meus colegas de turma, Allan Lima, Evelin Cardoso, Heline Sarah e Leidiana Ribeiro pelas críticas e debates durante este percurso.

E, finalmente, a todos os meus professores da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará pelo apoio.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade investigar a história e a transformação da Quadrilha Flor do Candorina da cidade de Curuçá - Pa, desde a sua fundação em 2003 até o ano de 2013. A pesquisa trata de um levantamento histórico-descritivo-analítico de caráter qualitativo. Para isso, se fez necessário contextualizar historicamente a quadrilha, reconhecendo a influência recebida de outras danças, apontando as características gerais da Quadrilha Roceira para então fazer a análise e a descrição da história da Quadrilha Flor do Candorina de Curuçá - Pará. O Horizonte teórico está ancorado nos autores LEAL (2004), AMARAL (2012) e CHIANCA (2014). Este estudo pretende contribuir com outros professores e pesquisadores da área.

Palavras-chave: Quadrilha; História; Transformação e Roceira.

ABSTRACT

This work aims to investigate the history and transformation of the Bunch Flower Candorina City Curuçá -. Pa, since its foundation in 2003 until the year 2013. The research is a historical-descriptive-analytical survey of qualitative character. For this, it was necessary to historically contextualize the gang, recognizing the influence received from other dances, pointing out the general characteristics. Mob Roceira then make the analysis and description of the history of the Flower Bunch of Candorina Curuçá - Para. Theoretical Horizon is anchored the authors LEAL (2004), AMARAL (2012) and CHIANCA (2014). This study aims to contribute with other teachers and researchers.

Keywords: Quadrilha; history; Processing and Roceira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-----	25
Figura 2	-----	30
Figura 3	-----	30
Figura 4	-----	31
Figura 5	-----	31
Figura 6	-----	32
Figura 7	-----	32
Figura 8	-----	36
Figura 9	-----	36
Figura 10	-----	36
Figura 11	-----	37
Figura 12	-----	38
Figura 13	-----	39

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	12
2 – O SURGIMENTO DA QUADRILHA: UM BREVE HISTÓRICO.....	16
2.1 – A QUADRILHA NO BRASIL.....	19
2.1.1 - Quadrilha Roceira: Características Gerais.....	21
2.2 – BREVE HISTÓRICO DA QUADRILHA EM BELÉM NAS DÉCADAS DE 60, 70, 80 e 90.....	22
2.3 – A CIDADE DE CURUÇÁ.....	25
3 – A HISTÓRIA DA QUADRILHA FLOR DO CANDORINA.....	26
3.1 – O INÍCIO.....	26
3.2 – O COMEÇO DA JORNADA DE CONCURSOS.....	28
3.3 – A TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS	43

1- INTRODUÇÃO

Nesse capítulo introdutório de meu Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Pará – UFPA, o qual está atrelado ao Curso de Licenciatura Plena em Dança. Venho discorrer sobre a Quadrilha, uma dança que teve suas origens na Dança de Corte, na Europa, em meio a uma sociedade aristocrata e burguesa em uma fase de transição da Idade Média para a Renascença. Falarei também sobre o meu envolvimento com a dança, relatando minha trajetória nos dois grupos juninos em que dancei, desde o ano de 2005 até 2013, apontando o motivo que me despertou para esta pesquisa.

A Quadrilha passou por inúmeras transformações em sua composição coreográfica, indumentária e estrutural, tendo também, como fator relevante para sua consolidação a Country Dance¹. Enfim, Essa dança chegou ao Brasil, e aqui se adaptou a cultura dos diversos pontos do país, mas especificamente a cultura campestre, moldando-se aos costumes e crenças, até chegar ao que se conhece hoje como Quadrilha Junina. Essa dança, também é conhecida como Quadrilha Roceira, justamente por apresentar elementos da roça, retrata em sua composição coreográfica os costumes da vida no campo, como por exemplo, “o caminho da roça”, que aborda um encadeamento de passos que mostra as dificuldades encontradas durante o percurso de casa até a roça, essa sequência, assim como todos os outros passos, é comandada pela figura do marcador, que dita a hora certa para realizar a mesma, dizendo comandos como: “olha a chuva”, “olha o toco”, “olha o formigueiro”, entre outros.

Meu envolvimento com a dança, em especial com a quadrilha junina, aconteceu no ano de 2005, quando fui convidada para dançar na Quadrilha Verde Rosa, do município de Curuçá². Tinha apenas 15 anos, e já entrei com a responsabilidade de ser Miss Simpatia³, foi um desafio enorme, já que nunca havia dançado quadrilha na vida. A vontade de fazer parte desse estilo de dança sempre me acompanhou, até porque cresci ouvindo dos meus pais que eles dançaram e se conheceram dentro de uma quadrilha junina. Mas, como era muito nova, meu pai ainda não autorizava, já que a

¹ Era uma dança coral inglesa, que se caracterizava por ser dançada em pares, por ter figurações em círculos e fileiras, e por trazer um tema antigo que era o amor (LEAL 2004, pág. 29).

² Está situado na costa, na zona fisiográfica do Salgado [...] (CUNHA, 1987). É conhecida regionalmente como “Terra do Folclore”, denominação reconhecida por lei municipal de julho de 2009 (AMARAL, 2012). Com distância de aproximadamente 134 quilômetros de Belém.

³ Uma das três misses apresentadas na Quadrilha Junina, como o próprio nome diz, a miss simpatia tem que ser simpática, graciosa, meiga e ter muita leveza em seus movimentos.

quadrilha que iniciei era para adultos. Sempre digo que a minha família é “família de quadrilheiros”, tá no sangue o amor por essa dança.

Foi gratificante receber elogios já no primeiro ano como miss, superei meus medos e ganhei confiança. No ano seguinte, 2006, novamente, já com um pouco de experiência, fui Miss Simpatia novamente. O nervosismo foi grande, mas não tão desesperador como do primeiro ano. Nos anos de 2007 e 2008, fiquei fora da Quadra Junina, apenas acompanhando o grupo como espectadora. Em 2007, por conta de estar cursando o último ano do ensino médio e sofrer a pressão de prestar vestibular, mas não para o curso de dança, para outro curso que não tinha nada haver comigo. Logo, não consegui passar, sempre digo que foi melhor assim, porque no ano seguinte, 2008, comecei a pensar em fazer cursos livres de dança ou até mesmo o curso superior ofertado por esta Universidade, mas, eram apenas planos.

Em 2009, retornei a Quadrilha Verde Rosa, também como Miss Simpatia, mesmo com dois anos de experiência, foi difícil voltar ao ritmo depois de 2 anos parada. E mais uma vez me superei. Mas foi o último ano que dancei pelo grupo. Já em 2010, não dancei novamente, mas desta vez, foi pra me preparar para o vestibular para preencher as vagas remanescentes do Curso de Licenciatura Plena em Dança da UFPA. Dessa vez o meu maior objetivo era ter um curso superior de dança, para conhecer melhor a linguagem que fazia, era uma grande necessidade interna, não queria só saber dançar, queria também saber falar sobre. E consegui. Fui aprovada primeiramente na prova prática e logo em seguida na prova escrita. Foi um momento de muita alegria, ia estudar o que mais amava, e amo este fazer, que é dançar.

No ano de 2011, não dancei no período da Quadra Junina, mas fui convidada, pela Quadrilha Flor do Candorina para dançar em um concurso que a quadrilha ia participar em Brasília – DF no mês de agosto. Nesse momento começa meu vínculo com o Grupo⁴, já tinha uma admiração antes mesmo de fazer parte, pois o Grupo sempre teve uma disciplina e organização admirável, e se tornou bem mais claro a partir do momento em que comecei a fazer parte do mesmo.

A partir de então, me tornei integrante da Quadrilha Flor do Candorina, e dancei nos anos de 2012 e 2013, sendo que em 2013 fui Miss Mulata⁵, um desafio, pois durante a minha trajetória na dança, havia apenas sido Miss Simpatia. E foi dentro deste Grupo

⁴ Algumas vezes, para me referir à Quadrilha Flor do Candorina, usarei a palavra “Grupo”, pois é assim que muitas vezes os membros a chamam.

⁵ Representa a beleza da mulher negra e seus movimentos coreográficos estão atrelados à cultura afrodescendente.

que me despertei para esta pesquisa, a perceber as mudanças ocorridas na quadrilha a cada ano.

Como dançarina de quadrilha desde 2005, pude perceber grandes mudanças na estrutura da Quadrilha Flor do Candorina, do município de Curuçá, até o ano de 2013, falo de todos os aspectos, do figurino, da música, da coreografia etc. No início era tudo bem mais simples, os anos foram passando e hoje percebo coreografias bem mais elaboradas, trajes com pompa e brilho, principalmente os trajes de miss. Mas ainda assim, a quadrilha continua sendo chamada de roceira e trazendo elementos da cultura caipira.

Todos os anos a quadrilha se modifica, busca mostrar algo novo, que nunca foi mostrado por nenhuma outra, ou se foi mostrado, busca mostrar de forma diferenciada, que cause impacto, admiração. Esse “novo” é a surpresa que a quadrilha traz, pode ser no traje dos brincantes, que ao virar do avesso se torna outro, pode ser um adereço escondido no traje, que se revela no meio da apresentação sem que ninguém perceba, causando assim, uma grande admiração entre os espectadores, enfim, muitas ideias podem surgir ao longo do processo criativo.

Muita dessas mudanças ocorre em questão dos direcionamentos que os concursos de quadrilhas promovidos por instituições propõem em seus editais. As Quadrilhas estão sendo criadas atualmente para competir. “Os eventos de quadrilhas, promovidos por instituições ou pessoas do bairro, propiciam as mudanças [...], pois, por meio de critérios e de quesitos, direcionam as criações coreográficas e incentivam a competição” (LEAL 2004, p.15-16).

E inúmeras perguntas foram surgindo ao longo desses anos. O que determina essas mudanças? Ainda se pode chamar de roceira essas quadrilhas? Ou será que é estilizada? Os concursos de quadrilha promovidos por instituições ou por pessoas do bairro são também responsáveis por essa mudança? De que outras danças a quadrilha se constituiu? Como dançarina, me sinto muito vazia de informações a respeito do gênero de dança em questão, por isso depois de oito anos de experiência dançando quadrilha, sinto uma grande necessidade de me aprofundar nesta pesquisa, mesmo por que, há poucos registros escritos nessa área e posso ser uma professora colaboradora para os grupos e para todos interessados no assunto deixando aqui os meus escritos.

Outro fato que me leva a fazer essa pesquisa é de que não há um estudo feito sobre o grupo em questão, e, principalmente, na cidade de Curuçá, onde nasci e me criei. Diante da escassez de material, sobre a quadrilha, me vejo na obrigação de

pesquisar e escrever sobre a mesma, para suprir uma necessidade pessoal, mas principalmente para respaldar os demais quadrilheiros, que como eu, sente a necessidade de ler sobre essa dança, e, conseqüentemente, utilizar-se dessa pesquisa como embasamento para muitas outras.

No segundo capítulo faço um panorama do contexto histórico da quadrilha desde seu surgimento como dança social na Idade Média e passando pela Renascença, momento em que teve sua ascensão junto com o desenvolvimento cultural da Europa, apontando as danças que foram fundamentais para formar o que se conhece hoje como quadrilha junina, fazendo um panorama da quadrilha no Brasil até chegar à cidade de Curuçá.

No terceiro capítulo, conto a história da Quadrilha Flor do Candorina durante 10 anos, desde o seu surgimento em 2003 até o ano de 2013 relatando os principais fatores que contribuíram para seu desenvolvimento e transformação. Deixando bem claro para o leitor, a finalidade primordial que levou à sua criação, e sua atual finalidade. Aponto as mudanças significativas que a mesma veio sofrendo no decorrer dos anos, como por exemplo, sua transformação, tanto no traje como na sua coreografia, buscando compreender os fatores que fundamentaram essa mudança. Destaco também, os títulos que a quadrilha possui e a importância da mesma para o município de Curuçá.

A metodologia se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre o surgimento da quadrilha e de como chegou ao Brasil, Pará, Belém e conseqüentemente em Curuçá; entrevistas com os fundadores e brincantes da Quadrilha Flor do Candorina, enfatizando suas concepções sobre a mesma; observação dos ensaios e processo criativo em campo, que geralmente começam no início do mês de março. Portanto, posso afirmar que é uma pesquisa qualitativa que investiga o fenômeno e que se preocupa com nível de realidade que não pode ser quantificado, porém trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis como aponta Amaral (*apud* SALLES, 2012, p. 19).

2 – O SURGIMENTO DA QUADRILHA: UM BREVE HISTÓRICO

A quadrilha surgiu como uma dança social europeia, também conhecida como dança de corte, possuindo características das danças populares da Idade Média, como por exemplo, a alegria e a espontaneidade, que se revelavam nos movimentos. Aponto neste estudo as danças dos camponeses que eram praticadas em ocasiões comemorativas e que possuíam em sua estrutura formas geométricas que até hoje compõe a Quadrilha, logo com esse pensamento posso dizer que essa dança contribuiu para a quadrilha que se conhece hoje. Silva (2005, p. 85) reforça esse entendimento dizendo que:

[...] as danças camponesas que continuavam a ser praticadas no início do século XV, desenvolviam-se em danças de pares, em quadrilhas, com padrões circulares e lineares, muito alegres e dinâmicas, sempre praticadas em ocasiões comemorativas.

O período da Idade Média, entre os Séculos V a XV, ficou conhecido como “Idade das Trevas”, e não foi favorável à dança, pois foi nessa época que a igreja, grande autoridade e com poder supremo, vinculou a dança ao pecado, contudo não conseguiu interferir diretamente nas danças dos camponeses que, por sua vez, procuravam camuflar sua dança colocando figuras de anjos e santos. Langendonck (2013, p. 5 – 6) confirma esse acontecimento relatando que:

A Igreja, porém, não conseguiu interferir nas danças populares dos camponeses, que continuaram a fazer suas festas nas épocas de semeadura e colheita e no início da primavera. Para não afrontar a Igreja, essas danças eram camufladas com a introdução de personagens como anjos e santos [...].

No entanto, essa dança ao adentrar nos palácios, foi estilizada e sistematizada, deixando de lado algumas de suas características. Elas foram introduzidas nos palácios, através do Jogral, uma espécie de “faz tudo” da arte, com habilidades em diversas linguagens artísticas. Eram contratados pelos aristocratas para lhes ensinar novas danças e alegrar as festas, porém foram adaptadas aos trajes pesados, usados pelos palacianos, que os impediam de pular e girar.

Além disso, as mudanças eram necessárias para tornar os movimentos e gestos mais refinados, conforme a educação recebida pelos nobres. Dessa forma, as danças ensinadas foram estilizadas, surgindo uma nova dança, a Dança de Corte, que passou a fazer parte da sociedade francesa, sendo inserida na educação recebida pelos nobres, que priorizavam um comportamento refinado. Segundo Leal (2004, p. 25):

Os nobres, ávidos por aprenderem novas danças, recebiam o jogral para lhes ensinar as aprendidas nas províncias e vilas por onde passava. Após o aprendizado destas, o jogral era solicitado a fazer mudanças nos passos para ganhar um tratamento mais refinado nos gestos e nos movimentos dos dançarinos. As alterações distanciavam-se dos passos originais, pela adaptação feita para acompanhar a rígida educação dos nobres da corte [...].

A partir desse momento, o Jogral passa a se chamar Maestro da Dança, por ter introduzido as danças populares nos castelos e as ter modificado e adaptado aos costumes da nobreza. Passa então, a ser, o professor e coreógrafo da Corte. Com o Renascimento nos séculos XV e XVI, período de muitas mudanças, ocorre à valorização da razão, das grandes conquistas marítimas e conseqüentemente o aumento do comércio, muitos comerciantes europeus fizeram riquezas, com isso a arte, de forma geral, passou a ser disseminada também.

Os aristocratas utilizavam a dança para ostentar suas riquezas, promovendo grandiosos bailes. Os burgueses, por sua vez, passaram a querer se igualar a nobreza, contratando professores de etiqueta para adquirir hábitos nobres, para também serem reconhecidos, com isso gastavam o que podiam, ostentando suas riquezas, pois precisavam aprender os valores sociais que a nobreza impunha. Leal (2004, p. 25) reforça esse pensamento:

Os burgueses buscavam ascensão social para serem reconhecidos como cortesões, para isto, não poupavam gastos com a ostentação, com a difusão das artes, das letras, das ciências e da educação, pois precisavam apreender os valores sociais impostos pela nobreza, além de viver em evidência na sociedade [...].

As cortes, de um modo geral, incorporaram a dança. Mas, é na Itália, que a dança passa a ser sistematizada, adquirindo códigos e técnicas, possuindo como prioridade o “belo”, o virtuosismo. Os movimentos foram aperfeiçoados, para se encaixar perfeitamente à música, e se adequar às roupas utilizadas pelos nobres, deixando cada vez mais de lado, as características das danças populares.

As danças sociais passaram a ser difundida por toda a Europa por vários séculos, sempre se recriando e dando origem a outras danças, eram adaptadas conforme o contexto sócio-político-cultural. Segundo Leal (2004, p. 27):

Do século XVI ao XIX, estas danças permaneceram em evidência nos salões parisienses, como também em toda a Europa. No decorrer desses séculos, muitas delas surgiram, algumas desapareceram ou transformaram-se em

outras cada vez mais estilizadas e formais, necessitando ainda mais dos mestres [...].

Pode-se entender, então, que a Quadrilha era uma das muitas danças sociais difundidas pela Europa que veio se modificando e reinventando ao longo dos séculos, conforme o contexto cultural de cada país por onde passou, até chegar ao que se conhece hoje como, Quadrilha Junina. Mas a Quadrilha traz, em sua composição, elementos de outras danças, como por exemplo, a *Country Dance*, como já mencionei na introdução da pesquisa.

Essa dança foi difundida por outros países como dança social, naturalmente também foi sendo modificada, e seus desenhos espaciais levados para outras direções, configurando novas formas. Outra característica da *Country Dance* que se pode associar à Quadrilha, é a presença de um condutor, que direcionava a dança, para isso utilizava um bastão. Com o passar do tempo, esse condutor, começa a fazer parte dos integrantes da dança, recebendo o nome de contra-marcante. Diferentemente das danças sociais europeias, a *Country Dance* não possuía muitas formalidades em seus movimentos, por isso era dançada e apreciada por pessoas de várias idades.

[...] Quem não participava desta dança gostava de vê-la, porque proporcionava um certo prazer apreciar a participação de muitos dançarinos que realizavam uma variedade de combinações de movimentos e de desenhos geométricos. O prazer de dançar a *Country Dance* para os jovens estava no descompromisso das formalidades e das reverências que geralmente estavam presentes nas danças sociais [...] (LEAL, 2004, pág. 31).

A *Country Dance* foi levada para a corte francesa pelos mestres de dança, por volta do Século XVII. Consequentemente, sofreu modificações pelo fato de ser simples e sem formalidades. O gestual dos dançarinos foi aprimorado, passando a ser chamada de *Contredanse*. Essa dança foi estilizada e atingiu um alto grau de complexidade, principalmente nas formas geométricas. Com isso a dança se transformou em outra, o *Cotillon*. Dessa última, se originou, no Século XVIII, a *Quadrille* ou Quadrilha.

A quadrilha neste período já era dançada em partes, e cada parte correspondia a um desenho e a uma música específica. Muitos dos desenhos eram feitos conforme a letra da música ou conforme o contexto social da época. A figuração formada recebia nome, que era designado pelos músicos das orquestras. Os passos que compunham a Quadrilha eram passos codificados presentes no balé.

Desde a *Country Dance*, passando pela *Contredanse* e posteriormente pelo *Cotillon*, observam-se características essenciais que estão presentes na *Quadrille* ou

Quadrilha como exemplo posso dizer que é dançada em pares; simulação do casamento; figurações e que possui condução. A Quadrilha foi difundida por toda a Europa, e chegou ao Brasil através de seu colonizador português.

2.1 – A QUADRILHA NO BRASIL

A Quadrilha chega ao Brasil através de seu colonizador português. A Corte Portuguesa fugindo da perseguição napoleônica, refugiou-se no Brasil, com isso “D. João VI trouxe junto à nobreza, burgueses e servos, que, ao se adaptarem à nova região, reconstituíram a vida social que possuíam em Portugal” (LEAL, 2004, p. 38). Nessa reconstituição, as danças sociais estavam presentes, conseqüentemente, a quadrilha, por ser considerada uma dança social. “A Quadrilha de Corte foi à atração dos bailes no período da Regência e, por muitos anos, na sociedade brasileira” (LEAL, 2004, p. 38). Ao longo do tempo teve seus passos e figurações modificados conforme os lugares por onde foi dançada. Segundo Leal (2004, p. 39):

[...] a interação entre as matrizes culturais existentes neste país, decorrente da miscigenação de brancos, negros e índios, propiciou a adaptação e transformação das danças européias em outras ou com variações que se identificavam mais com a realidade de um povo mestiço, cujas culturas se cruzavam, do que com a manutenção da sua fonte originária.

E ainda, segundo Giffone (1995 *apud* LEAL, 2004, p. 39):

A quadrilha, ao ser transportada para as cidades e interiores de norte a sul do país, por sua popularidade, acabou incluindo passos, gestos e movimentos que lembravam as danças de outras culturas ou da união das três matrizes, o que resultou a inserção de danças regionais no término da Quadrilha [...].

Desse modo, surgiram várias modalidades de quadrilha como: a Quadrilha Caipira, o Saruê, o Baile Sifilítico, a Mana Chica e o Pericón. Mas a modalidade que ganhou destaque foi a Quadrilha Caipira, que vem “do tupi kai’pira e tornou-se sinônimo de ‘matuto’ ‘aquele que vive no mato’” (FERREIRA *apud* CHIANCA, 2007, p. 47). A Quadrilha Caipira, também pode ser chamada de Quadrilha Tradicional ou Quadrilha Roceira, por apresentar características da vida no campo.

A Quadrilha sendo uma dança que teve sua maior repercussão na França, os comandos ditos em francês pelo marcador⁶, se misturava com o português, causando uma fala cômica vista aos olhos da alta sociedade, “além dos desenhos espaciais adquirirem nomes em português, ou seja, a quadrilha começava a construir e apresentar mais um modelo brasileiro” (LEAL, 2004, p. 40). Como o marcador era da baixa sociedade, não sabia pronunciar corretamente o francês, os passos eram marcados num francês aportuguesado, que se tornou tradição na Quadrilha Caipira. Como se pode observar na tabela a baixo:

Tabela 1 – (Retirada de LEAL, 2004, p. 40)

PASSOS DA QUADRILHA		
FRANCÊS	FRANCÊS/ PORTUGUÊS	PORTUGUÊS
<i>En avant</i>	Anavan	À frente
<i>En arrière</i>	Anaruê	Para trás
<i>Balancê</i>	Balancê	Balanceio
<i>Tour</i>	Tur	Giro
<i>Changer des dames</i>	Changê de damas	Trocar de damas
<i>Changer des Chevalier</i>	Changê de cavalheiros	Trocar de cavalheiros
<i>Antrefois</i>	Otrefoá	Outra vez
<i>Salut des dames</i>	Salu de damas	Damas, Saudação
<i>Salut des Chevalier</i>	Salu des cavalheiros	Cavalheiros, Saudação
<i>Promenade</i>	Promenade	Passeio
<i>Couronner les dames</i>	Coronê as damas	Coroar as damas
<i>Couronner les Chevalier</i>	Coronê os cavalheiros	Coroar os cavalheiros

Dessa forma, o francês aportuguesado foi ganhando um sotaque caipira. A quadrilha, portanto, foi cada vez mais sendo modificada ao longo dos anos. Essa mudança também aconteceu com a música, “no início, as músicas da quadrilha eram tocadas pelas orquestras que vinham da Europa, depois os nossos compositores tomaram para si essas composições dando-lhes “um acentuado sabor brasileiro”

⁶ Nome que se dá para a pessoa que comanda a Quadrilha durante a sua apresentação. Esse é o nome que se usa atualmente.

(OLIVEIRA *apud* LEAL, 2004, p. 41). E foi sendo introduzido neste momento os instrumentos brasileiros como a sanfona, a viola, a zabumba e o triângulo.

2.1.1 – Quadrilha Roceira: Características Gerais

Também conhecida como Caipira, Tradicional ou Matuta, trás características de uma vida simples, vivida no campo. As características gerais da Quadrilha Caipira são:

- São usadas vestimentas simples, que lembre a vida no meio rural, matuto, caipira;
- O tecido que se usa geralmente nas roupas, para dar o ar de simplicidade, é a chita;
- A calça dos homens é sempre remendada com sobras de tecidos;
- A camisa tradicionalmente quadriculada, que por vezes também, pode ser acrescentada com remendos e retalhos;
- Nessa dança usa-se chapéu de palha;
- Botas de couro ou sandálias abertas;
- Lenço vermelho amarrado no peito que atualmente pouco se vê;
- Usa-se também, sobancelhas grossas, barba e bigode;
- Para as meninas, vestido ou saia, e blusas com rendas e babados;
- Pulseiras, anéis, colares, brincos, fitas no cabelo;
- As sandálias são de tecido ou couro;
- Os cabelos são presos ou em tranças de preferência longas.
- Na boca sempre há a falta de dentes;
- Pintinhas no rosto;
- Lábios, olhos e bochechas bastante pintados;
- A quadrilha apresenta o Casamento na Roça;
- Sendo a quadrilha o baile da festa;

É importante deixar claro que essas características se apresentam nas quadrilhas que não possuem o intuito de competição, aquelas que têm como finalidade a diversão, descontração, pois, essas características, com o passar dos anos, se apresentam de forma estilizada, principalmente nas quadrilhas que são montadas para concursos, o tecido utilizado já não é mais a chita, se utiliza outros tecidos com uma melhor qualidade. As

sandálias ou sapatos são reforçados e encomendados de acordo com o figurino. As pulseiras, brinco, colares e babados na roupa, são colocados na medida certa para que não se torne exagerado, assim como todas as outras características. Tendo como propiciador das mudanças ocorridas, os editais dos concursos promovidos por instituições culturais.

A Quadrilha Caipira teve maior destaque nas regiões Norte e Nordeste do país. Tornou-se um símbolo das festas juninas. Segundo Leal (2004, p. 42).

As Festas Juninas estão inseridas no ciclo de festas litúrgicas, encontradas nas manifestações tradicionais do Brasil, onde popularmente são designadas de festárias por apresentar um conjunto de festas. Por um determinado período do dia são voltadas para a religião e o outro para o lado profano, ou seja, das danças, das bebidas e das comidas. Elas possuem datas fixas, podem acontecer em locais amplos e abertos ou em fechados e menores.

Segundo Leal, 2004 “Por falta de dados históricos precisos não se sabe como a quadrilha foi inserida nos festejos juninos [...]”, mas aponta a hipótese de que a quadrilha se introduziu através das festas dos santos católicos. Essa possibilidade pode ser observada nas festas de interior como no município estudado, pois percebo que nas comemorações dos padroeiros dos lugarejos e povoados existe as festanças e a quadrilha é o ponto alto das atrações artísticas destas festas. Dado que servirá para outro estudo em outro momento de minha vida acadêmica.

No próximo tópico me debruço com brevidade sobre a quadrilha em Belém, fazendo um recorte necessário para mostrar um percurso longo de mudanças e estímulos ocasionados nesta dança para depois adentrar o foco especial deste estudo que a Quadrilha Flor do Candorina do município de Curuçá no Estado do Pará.

2.2 – BREVE HISTÓRICO DA QUADRILHA EM BELÉM NAS DÉCADAS DE 60, 70, 80 e 90.

Dentro das transformações ocorridas no século XX, principalmente no período em que o homem moderno provoca constantes mudanças nas ciências, na política e nas artes, reflete as alterações nos valores do meio social, educacional e cultural. A cultura amazônica sofria influências em suas manifestações populares por volta da década de 60, especialmente a cultura belenense. Pode-se dizer que a manifestação popular que

ganhou destaque, e que sofreu grandes transformações, foi a Quadrilha, que se percebe desde então as mudanças na coreografia, no traje, no modo de dançar dos brincantes e na figura do marcador como aponta Leal (2004, pág.45- 46). A falta de dados históricos como revela a autora justifica a ausência de referências do surgimento desta dança em Belém como se pode observar em sua fala:

A única informação que se sabe, inicialmente, divulgada em um artigo de jornal, (Província do Pará, 1990, p.10) diz o seguinte: “O Estado do Pará foi um dos principais berços da expansão e desenvolvimento da quadrilha nas terras brasileiras, e, atualmente, essa manifestação é acentuadamente revigorada no folclore paraense”. Este comentário nos mostra que a Quadrilha Caipira, em tempos remotos, foi referência à Quadra Junina do Pará, permanecendo na memória coletiva do belenense, ajudando a reconstituir, pela transmissão oral, os aspectos e características da quadrilha e das festas juninas daquela época.

A sociedade belenense mantinha a tradição de preparar as festas do ciclo junino nos dias 13, 24, 29 e 30 de junho, respectivamente os dias de Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal, sendo este último, apenas comemorado no Pará, e sua representação não é de santo e sim através de uma fogueira. A manifestação era organizada pelas pessoas das comunidades, bairros, ruas, vilas e povoados em conjunto com clubes de forma espontânea e interativa. Segundo Leal (2004, p. 49):

Depois de tudo organizado, a festa começava ao anoitecer, geralmente na véspera do dia do santo homenageado. As famílias que a ofereciam, convidavam parentes, amigos e vizinhos para uma noite de brincadeiras, adivinhações, para passar de Compadrio⁷, soltar fogos e dançar muito forró, além de esperar o momento da apresentação da Quadrilha [...].

Mas, algumas vezes, dentro dessas festas eram organizados concursos para animar ainda mais a festança, pois os grupos de quadrilhas se reverenciavam e não se deixavam entusiasmar pela competição, a disputa com os outros brincantes era apenas para tudo ficar mais animado. Leal (2004, pág. 65) ainda reforça dizendo que “[...] Os concursos foram ganhando espaço na Quadra Junina, quando clubes, associações e o Departamento Municipal de Turismo – DEMTUR, da Prefeitura de Belém, passaram a

⁷ Passar de Compadrio: era um costume de amigos e parentes de passarem pelo lado da fogueira com as mãos dadas sobre esta, falando o seguinte verso Santo Antonio disse e São Pedro confirmou para que sejamos Compadrio ou comadre que São João mandou. No final dos dizeres apertam as mãos ou abraçam-se chamando um para o outro de Compadrio ou comadre. A partir desse momento passa-se a si considerar compadrios de fogueira.

assumir a promoção dos concursos de quadrilhas e de danças populares [...]”, modificando o objetivo e gerando outros comportamentos entre os brincantes.

Outra mudança observada foi à entrada do Carimbó⁸ no meio da dança quadrilha, no final da década de 60. Essa dança foi acrescentada na quadrilha junina, talvez pelo sucesso das músicas do Mestre Verequete⁹ ou por influências de grupos folclóricos da cidade, que teve uma passagem muito breve dentro das quadrilhas, sendo logo retirado por alguns anos e em seguida retornando na década de 70. Segundo Leal (2004, pág. 66):

Acreditamos que o tradicionalismo persistia em não favorecer alteração na dança de Quadrilha. No entanto, é desta iniciativa, de aditar passos básicos de uma dança regional, que acentua-se o aparecimento de tentativas de inovar, não no sentido do novo pelo novo, mas como uma possibilidade, de um novo desejo ou de uma necessidade, de acrescentar algo que estava mais próximo da nossa cultura, em vez de utilizar o Galope ou até mesmo uma valsa, que se distanciavam do contexto social dos bairros periféricos.

Após a década de 70, outras mudanças são introduzidas nas quadrilhas de Belém do Pará tecendo uma dualidade entre o tradicional e o moderno¹⁰, dado imposto pelo período atual. Mas, os quadrilheiros buscavam manter o tradicional independente das mudanças ocorridas na estruturação dos grupos ou do acompanhamento musical e dos fatores relacionados à sociedade vigente.

Já nos anos 80, essas mudanças tomaram um maior destaque, com as coreografias mais elaboradas, passos mais rebuscados, a presença forte do coreógrafo, músicas com novos arranjos e com alteração no ritmo, tornando-se as mesmas mais aceleradas e, conseqüentemente, os movimentos dançados exigia que os dançarinos fossem mais ágeis em suas execuções. Acentuo ainda que, o tempo de construção de uma quadrilha se alonga por essas atividades, passando mais ou menos um semestre inteiro, para a elaboração de passos, ensaios, confecção de figurinos, música dentre outros.

Pode-se dizer que as mudanças da modernidade já eram acentuadas nessa dança, os brincantes aventuravam-se em novas e ousadas coreografias, e até transformavam toda a estética estabelecida anteriormente. Porém na década de 90 há o retorno da tradição devido a vários fatores, um deles foi o alto valor dos trajés que estavam ficando

⁸ É uma dança tradicional regional, do município de Marapanim do Estado do Pará. É uma dança de pares soltos, em círculo.

⁹ Foi compositor e cantor das músicas tradicionais de Carimbó de Belém do Pará.

¹⁰ Entende-se como movimento de ruptura do tradicional.

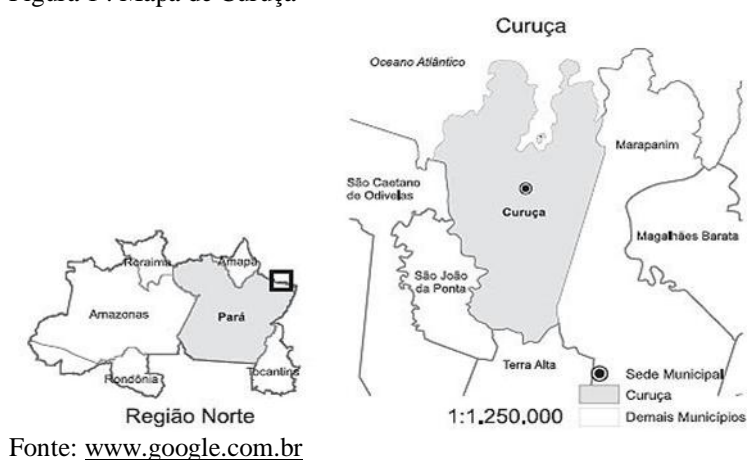
cada vez mais consideráveis e perdendo cada vez mais a essência do tradicional (LEAL, 2004, pág. 79).

2.3 – A CIDADE DE CURUÇÁ

O nome Curuçá deriva da palavra tupi que significa cruz. “É conhecida regionalmente como “Terra do Folclore”, denominação reconhecida por lei municipal de julho de 2009” (AMARAL 2012, pág. 1). Fica o território do município de Curuçá situado na costa, na zona fisiográfica do Salgado [...] (CUNHA, 1987). Com distância de aproximadamente 134 quilômetros de Belém. Segundo Amaral 2012:

O percurso é o seguinte: saindo de Belém pega-se a BR-316 até o município de Castanhal¹¹, depois dobra-se à esquerda em direção à PA-136, denominada Rodovia Monsenhor Edmundo Igreja, que liga Castanhal a Curuçá.

Figura 1 : Mapa de Curuçá



¹¹ Município paraense a 80 km da capital Belém.

3 – A HISTÓRIA DA QUADRILHA FLOR DO CANDORINA

Neste capítulo abordo a história da Quadrilha Flor do Candorina do município de Curuçá, desde a sua fundação até o presente momento. Deixando bem claro para o leitor, a finalidade primordial que levou à sua criação, e seu atual desígnio. Aponto as mudanças significativas que a mesma veio sofrendo no decorrer dos anos, como por exemplo, sua transformação, tanto no traje como na sua coreografia, buscando compreender os fatores que fundamentaram essas mudanças. Destaco também, os títulos que a quadrilha possui e a importância da mesma para o município de Curuçá, pois como já mencionei Curuçá é a Terra do Folclore e logo as quadrilhas são os pilares desta cultura curuçaense em conjunto com outras manifestações artísticas.

3.1 - O INÍCIO

A Quadrilha Flor do Candorina foi fundada no dia 5 de junho de 2003 pela professora Telma Ramos na Escola Municipalizada de Ensino Fundamental Profª. Candorina Campos, a qual está no município de Curuçá. A escola, segundo Ferreira (2005, p. 111) foi “[...] criada pelo Decreto Nº 3830 de 21 de novembro de 1961[...]”. Telma Ramos era professora da 4ª série, e através do convite dos próprios alunos, que segundo ela em entrevista cedida dia 25 de abril de 2014, a convidaram da seguinte forma:

Professora vamos montar uma quadrilha pra nossa festa da escola? A senhora gosta de quadrilha?

Eu disse:

- Gosto...

Eles falaram:

– Então bora, vamos fazer uma quadrilha?

Eu disse:

- Vamos, mas eu não quero com dança.

Que na época a quadrilha era misturada com dança.

– Eu quero uma quadrilha... eu disse pra eles assim: entrou e saiu. Aí foi isso.

A partir desse momento, Telma, juntamente com os seus alunos, começou a montar a quadrilha, que no primeiro momento, a única finalidade era apenas dançar na festa junina que acontecia na própria escola. Mas, não eram apenas os alunos da 4ª série,

seus alunos, que compunham a quadrilha, havia alunos da 5^a, 6^a e 7^a séries, que segundo o brincante Carlos Leandro¹²:

“[...] a quadrilha ia se apresentar na escola, então era só a turma dela que ia se apresentar na escola, só que não tinha gente suficiente, aí ela foi botando gente das outras turmas, a turma dela era a 4^a série, aí a nossa era a 6^a, aí juntou a 4^a e a 6^a.

De modo que a faixa etária dos alunos variava entre 9 e 13 anos. Os alunos tiveram o apoio dos pais para dançarem na quadrilha, pois a professora Telma explicou a situação:

Os pais apoiaram né? Porque eles mesmos que compraram as roupas de seus filhos. Então era preciso o apoio deles, dos pais, para que os seus filhos dançarem bem em nossa quadrilha.

Em seu primeiro ano, a quadrilha era composta por 9 pares e possuía um traje bem simples, de *TNT*¹³, nas cores, azul e branco, segundo a professora Telma:

As cores combinavam com as cores da escola, da farda da escola que era azul e branco, que até hoje são consideradas as cores da quadrilha. Mesmo sendo de TNT o figurino já era interessante e ficou tudo bonito.

O traje das meninas era todo composto de *TNT*, já o traje dos homens, apenas a camisa era feita do não tecido, a calça que eles utilizavam, era a própria calça que compunha a farda da escola como fala o brincante Carlos Leandro:

No primeiro ano que a gente saiu, o nosso traje era azul e branco de *TNT* aí... a blusa... a nossa calça, era a nossa calça da escola *jeans* mesmo, a gente pregou umas bandeirinhas e aí saiu [...] Mas só que essa cor, azul e branco, a gente escolheu porque era a cor da escola... aí lá do começo, do início da quadrilha... aí no segundo ano já veio de novo, azul e branco, aí então ficou a cor, azul e branco, por causa da escola [...].

O nome da quadrilha foi escolhido através de uma eleição feita pelos alunos da própria escola, segundo a professora Telma:

Foram três nomes: Flor Junina, Estrela Junina e Flor do Candorina, aí o mais votado foi Flor do Candorina [...] eles como eram alunos da escola, e eles se identificaram como flores, sendo as meninas... os meninos cravos e as meninas rosas e outras flores, aí então ficou, Flor do Candorina.

¹² Entrevista realizada com este ex-aluno no dia 24 de abril de 2014.

¹³ *TNT* é a sigla usada para Tecido Não Tecido, é um tecido classificado como um não tecido.

E o nome Candorina ficou devido ser o nome da Escola. Assim como o nome, a música que iriam dançar, também foi escolhida em conjunto. Os ensaios aconteciam na própria escola, na sala de aula, mas logo depois mudou, a quadrilha passou a ensaiar em um quintal da residência do primeiro coreógrafo da Flor do Candorina, mais conhecido como Titó, que, na época era dono de outra quadrilha, que por sua vez, não fazia parte de nenhuma escola. Segundo Carlos Leandro:

[...] tinha alguns brincantes que conheciam ele, aí pediu pra ele montar uma quadrilha só pra gente dançar na escola. Foi assim que o Titó veio para a nossa quadrilha.

Mas a ansiedade dos alunos era tanta, que eles não esperaram a festa junina da escola para se apresentar, insistentemente chamaram a professora e pediram para que a quadrilha pudesse ir dançar fora da escola como fala Carlos Leandro que diz que alguns alunos falaram da seguinte maneira:

[...] bora sair professora pra dançar na rua, bora sair pra dançar na rua, a gente vai fazer bonito lá [...]

Então a quadrilha passou a se apresentar em outros terreiros antes mesmo da festa da Escola acontecer como afirma a professora Telma em sua fala dizendo que:

Quando foi no dia que era mesmo pra dançar na escola, a quadrilha já tinha dançado tudo por aqui em Curuçá.

A partir de então a quadrilha Flor do Candorina ganha espaço no município e torna-se uma referência no meio artístico cultural da cidade de Curuçá. Passa a concorrer e a representar o município em vários eventos culturais espalhados pelo Brasil. Discorro no tópico seguinte a jornada desta quadrilha desde o ano de 2004 até os tempos atuais.

3.2 – O COMEÇO DA JORNADA DE CONCURSOS

A partir do ano de 2004, a preparação para a quadra junina passa a ser mais organizada, tanto no traje, como na escolha das músicas e a montagem da coreografia. A quadrilha passa de 9 para 12 pares. Nesse ano, o Grupo passou a ter o apoio de uma pessoa fundamental, que foi a senhora Valéria Ramos, filha da Presidente da quadrilha.

Valéria é a diretora-secretária da Quadrilha Flor do Candorina, ela quem conduz os ensaios, faz a seleção das músicas e das misses. Quando o Grupo precisa de gritos de guerra, é ela quem os cria. Para a professora Telma:

Valéria, é conhecida como Lela... é tudo dentro do nosso grupo... ela é considerada a grande mentora [...]. Fico orgulhosa dela ser minha filha e que me ajuda a manter a quadrilha.

Foi Valéria Ramos quem incentivou o Grupo a se preparar para dançar em concursos já no seu segundo ano de existência. Segundo a professora e presidente Telma Ramos, Curuçá deveria ter um grupo mirim que representasse o município em outros lugares, “um grupo de nome”, e ela achava “que as crianças daqui tinham capacidade pra isso”. Valéria reforça o pensamento da presidente dizendo que:

[...] eu achei que o grupo tinha capacidade de ter coisas melhores. Então eu percebi que eles eram bastante inteligentes. Apesar deles serem crianças, eu percebi que eles davam pra dançar mais. E quando foi o segundo ano, em 2004, eu já vim pra mim me envolver, me dedicar no grupo pra concurso mesmo.

Neste ano, a quadrilha participa do seu primeiro concurso, realizado em Curuçá, no bairro da Brasília, conquistando o 1º lugar, tendo sua Miss Caipira, campeã. E sua apresentação foi considerada umas das 5 melhores no Folclore de Terra Alta. A partir de então, o grupo passa a ter uma segunda finalidade, que não apenas a de se apresentar na escola, mas se preparar, e se dedicar para concursos de quadrilha junina. Com esse segundo objetivo, houve a necessidade de criar uma diretoria que é composta por: Telma Ramos como Presidente, Francisco Ramos como Vice-presidente, Valéria Ramos Diretora e Fábio Ramos como Coordenador. E ainda houve a necessidade de contratar estilistas e coreógrafos profissionais.

A partir desse momento, o Grupo passa a ter uma estilista oficial, Alessandra Marques, estilista também da Quadrilha Os Matutos¹⁴ de Belém do Pará. O traje passa a ganhar um cuidado maior, já não é mais feito de TNT, assim como a coreografia, que passa a ser mais elaborada. A partir deste ano, a quadrilha introduz no traje feminino,

¹⁴ Uma das mais famosas quadrilhas juninas de Belém do Pará, que por muito tempo foi referência para outras quadrilhas.

um dos elementos, que é considerado o referencial da Quadrilha Flor do Candorina, a meia de crochê¹⁵. Segundo Telma o figurino da quadrilha:

Em 2004 já foi modificado né? já foi pra xadrezinho azul, chapéu, melissa, passamos aderir a meia de crochê, devido a meia de crochê fazer parte da... ditamente assim, da roça, quadrilha roceira, então nós aderimos a meia de crochê como nosso referencial também, nos nossos trajes.

Figura 2: Traje masculino 2004



Fonte: Telma Ramos

Figura 3: Traje feminino 2004



Fonte: Telma Ramos

Como se pode observar na fala dos entrevistados o termo usado para figurino e traje. O traje da Quadrilha Flor do Candorina é desenhado em Belém, mas é confeccionado em Curuçá, pela sua costureira oficial Socorro Castro, exceto o traje das misses, que é desenhado e confeccionado na capital, muitos anos foram feitos pela Alessandra Marques, mas no último ano, 2013, foi desenhado e confeccionado por outro estilista, Diogo Siqueira.

A coreografia passa a ser criada pela coreógrafa Elma Teixeira, na época, brincante da Quadrilha OS Matutos. Segundo o brincante Carlos Leandro:

Foi a Elma quando veio pra cá que [...] ela que botou o estilo roceiro na Flor do Candorina.

Elma foi a responsável por montar as coreografias no ano de 2004 até o ano de 2008, ou seja, três anos na categoria mirim, e dois anos na categoria adulto, que me refiro mais a frente. Por ser a nova coreógrafa da Quadrilha Flor do Candorina uma

¹⁵ É uma espécie de artesanato feito com uma agulha especial, dotada de um gancho. Consiste em produzir um traçado semelhante ao de uma malha rendada. A quadrilha manteve a meia de crochê como uma característica forte de seu figurino.

brincante da Quadrilha Os Matutos, essa quadrilha da capital passa a ser um dos referenciais para o Grupo, tanto no traje como no estilo roceiro das coreografias. Sobre esse assunto Telma reforça:

[...] Eu sempre gostei dessa quadrilha, dos Matutos, mas assim, a gente... não era assim totalmente uma referência, porque aqui a gente sempre teve as ideias próprias daqui. Eu achava bonito eles dançarem, eu achava bonito a alegria deles, a simplicidade do traje deles, eu achava bonito [...].

No ano de 2005 a quadrilha passa de 12 para 16 pares e se apresenta, como convidada, em dois concursos na Capital, o Concurso da Fumbel¹⁶, promovido pela prefeitura de Belém, e o concurso do Centur¹⁷, promovido pelo Governo do Estado, realizados no mês de junho em Belém do Pará. A emoção de ver o Grupo se apresentando fora da sua cidade foi tão grande que, segundo Valéria “não teve mais como parar”. A partir desse momento a Quadrilha Flor do Candorina passa a representar o município de Curuçá, na categoria mirim, na capital do Estado, ganhando seu reconhecimento.

Figura 4: Traje masculino 2005



Fonte: Telma Ramos

Figura 5: Traje feminino 2005



Fonte: Telma Ramos

Em 2006, último ano na categoria mirim, a Quadrilha Flor do Candorina, já é quase um grupo independente, os brincantes já não são apenas os alunos da Escola, mas crianças da comunidade e de outras escolas, a presidente Telma afirma isso quando diz:

¹⁶ Fundação Cultural do Município de Belém.

¹⁷ Centro Cultural Tancredo Neves.

[...] nós passamos a aceitar sim, da comunidade, porque a escola é de Curuçá e as outras pessoas, os outros jovens tinham vontade de dançar na quadrilha por isso abrimos para outras pessoas [...].

O Grupo, já com a experiência do ano anterior nos concursos da capital, passou a se aperfeiçoar ainda mais, para, de fato, disputar os concursos promovidos anualmente pela Fumbel e pelo Centur. Neste ano a Quadrilha Flor do Candorina se classificou entre as 5 melhores nos dois concursos para a felicidade da presidente e de seus brincantes. Telma comenta sobre o período dizendo que:

[...] é tudo pr'uma quadrilha, pr'um grupo junino, é tudo!!! [...]. A Flor do Candorina saiu pela primeira vez e ganhou os dois concursos em primeiro lugar, no Centur e na Fumbel, com a miss e a quadrilha, foi uma grande emoção para todos nós [...].

Foi então que o sonho se realizou, alimentando cada vez mais o gosto de ser campeã. O trabalho aumentou e a dedicação dos brincantes foi dobrada, estimulada pelas premiações alcançadas, um reconhecimento merecido pelo trabalho dedicado da professora e dos componentes da Quadrilha Flor do Candorina.

Figura 6: Traje masculino 2006



Fonte: Telma Ramos

Figura 7: Traje feminino 2006



Fonte: Telma Ramos

3.3 – A TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA

Após 4 anos de existência como quadrilha mirim, no ano de 2007, a Quadrilha Flor do Candorina passa da categoria mirim para a categoria adulto, já não é mais a quadrilha de escola, mas mesmo assim o Grupo manteve seu compromisso de dançar todos os anos na festa junina da mesma, já que continua com o mesmo nome. Isso ocorreu pelo fato de o grupo ser todo ano o mesmo, ou seja, sempre os mesmos

brincantes, é claro que todos os anos entravam novos integrantes, mas muitos dos que iniciaram, continuaram a dançar na quadrilha.

No entanto, já não possuíam mais a idade que era permitida para concorrer na categoria mirim, mas eles, os veteranos, não queriam parar de dançar, e os componentes do Grupo já tinha uma afinidade muito grande entre eles, então foi um dos grandes motivos para a mudança de categoria. Valéria reforça isso dizendo que:

Esse grupo foi todo ano o mesmo [...] quando eles pegaram 14 anos ninguém teve coragem de... – não, vão pra quadrilha adulta, vão procurar outro grupo que aqui só é mirim – a gente não teve isso, a gente se apegou tanto no grupo que a gente resolveu virar adulto [...].

Com a modificação de categoria, outras mudanças ocorreram, como por exemplo, a disciplina do Grupo, o custo dos trajes, a dedicação e as repetições dos ensaios, muda também, o local de encontros e trabalho, pois a quadrilha precisa de um espaço maior, e o número de pares, que passou de 16 para 20. Os espaços que utilizava para ensaiar fora da escola, antes e depois da mudança de categoria, são: Clube de Mães; Sede do Umarizal; Rua Saldanha Marinho, em frente à Colônia dos Pescadores, sendo que este era o local de ensaio exclusivo da Quadrilha Flor do Candorina, apenas ela ensaiava lá; Quadra poliesportiva da Praça Coronel Horácio; as quadras poliesportivas das Escolas: Escola de Ensino Fundamental Maria Hyluisa Pinto Ferreira e da Escola Estadual de Ensino Médio Olinda Veras Alves; o Palco do Folclore de Curuçá; e no último ano que a quadrilha saiu, 2013, utilizou também, o espaço do PIT¹⁸, situado na Praça Coronel Horácio. Mas o grupo só passava a ensaiar nos espaços da praça, que são lugares abertos, apenas alguns dias antes da sua estreia, pois segundo Carlos Leandro:

[...] a gente queria que todo mundo visse a gente só na estreia, a gente tinha todo aquele mistério, ninguém podia assistir nosso ensaio, nem mãe de brincante, nadinha, justamente que a gente queria causar aquela surpresa na estreia, como sempre foi.

Em relação à disciplina do Grupo, a partir de então passa a ser mais rígida, principalmente durante as viagens. Segundo a presidente Telma:

[...] tem que saber mesmo como é que vai trabalhar com eles, com os adultos, criança é criança, adulto não gosta de ser chamado a atenção [...]. Mas todos os brincantes obedeciam e respeitavam a comissão.

¹⁸ Ponto de Informações Turísticas da cidade de Curuçá.

No ônibus, a organização sempre foi à mesma, meninas de um lado e meninos do outro lado, sempre com a monitoria da coordenação, justamente para evitar namoros e bagunça entre os membros da quadrilha. A presidente reforça esse pensamento dizendo que:

As viagens que nós fazíamos sempre foram excelentes as nossas viagens, nós nos organizávamos, procurávamos verificar qual o brincante que tinha assim... uma necessidade maior que o outro, como por exemplo, quem tinha enjojo na viagem, quem tinha esse problema de enjojo, dor de cabeça, tinha problema de ta fazendo várias vezes xixi, aí nós nos preocupávamos com essa segurança também, da parte do brincante [...].

Carlos Leandro sobre esse assunto ainda diz:

A nossa disciplina era boa [...] tinha gente pra botar respeito ali [...] se tu começasse avacalhar, logo tu saia da quadrilha [...]”. Havia sempre uma reunião com os pais, para deixar bem claro a maneira que a coordenação iria trabalhar para manter a disciplina do grupo. Todas as vezes que a quadrilha saia da cidade, não podia faltar a oração do Pai Nosso.

A professora Telma acrescenta dados importantes:

[...] quando nós saíamos aqui de Curuçá, pra ir pras nossas viagens, chegava ali na entrada da Brasília, era de praxe se fazer o nosso Pai Nosso, ninguém nunca saía daqui sem fazer o nosso Pai Nosso [...] e sempre foi bem aceito por todos. As vezes até eu esquecia, e aí eles já gritavam: - Fessora o Pai Nosso, o Pai Nosso!

Mas tudo isso refletiu de maneira positiva, pois no ano de 2007 a Quadrilha Flor do Candorina se classificou entre as 30 melhores quadrilhas de Belém, no Concurso da Fumbel, e teve sua Miss Caipira entre as 10 melhores no mesmo concurso, e ainda ganhou em 1º lugar no Concurso da Cidade de Marapanim. Concorrendo pela primeira vez na categoria adulta e conseguiu tal colocação, foi uma emoção muito grande para todos que fazem parte dessa Família, pois os integrantes muitas vezes a chamam de Família Flor do Candorina.

No ano de 2008, a quadrilha manteve seus objetivos, de se preparar para os dois concursos, Fumbel e Centur, e nesse ano obteve uma melhor colocação, ficando entre as 10 melhores quadrilhas de Belém e do Estado, tendo sua Miss Simpatia classificada em 4º lugar no Concurso da Fumbel. Devido a esse resultado, e à disciplina que o Grupo tinha, a Quadrilha Flor do Candorina foi indicada pela Aquanto¹⁹, na pessoa da senhora

¹⁹ Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará.

Itamar Ferreira de Oliveira, presidente da associação, para representar o Estado do Pará no 3º Arraial Brasil, realizado na cidade de Taguatinga no Distrito Federal, classificando-se entre as 5 melhores quadrilhas do Brasil. Segundo Telma:

[...] O primeiro ponto positivo foi que nós ganhamos no Centur e na Fumbel, então esse já era um ponto positivo [...] outro ponto positivo que eles observaram em nosso grupo, foi a nossa criatividade e a nossa disciplina em todos os eventos que nós nos apresentamos em Belém, então devido a isso a Associação de Quadrilhas Juninas se sentiu orgulhosa de indicar, pra representar o Estado do Pará em Brasília, a Quadrilha Flor do Candorina [...].

Em 2009, a Quadrilha Flor do Candorina passa a ter um novo coreógrafo, Ednaldo Trindade, que por sua vez, muda um pouco o estilo roceiro do grupo, a quadrilha investe em outros passos mudando um pouco a sua característica, Segundo esse assunto e o trabalho do novo coreógrafo Carlos Leandro fala que:

Ele botava o estilo dele, balé, aí a gente que [...] já adaptava no roceiro, foi até meio ruim que ele queria fazer... passos que a gente [...] nunca tinha feito [...] não tinha visto [...].

Os brincantes estranharam a forma com que o coreógrafo trabalhava que se diferenciava muitíssimo do estilo da Elma Teixeira, que por motivos pessoais não pôde mais montar a coreografia. Acredito que os novos passos propostos pelo coreógrafo, os quais foram baseados no Ballet Clássico trouxe mudanças significativas para o fazer deste Grupo. Segundo Carlos Leandro o fazer da quadrilha se dava de uma maneira e com a chegada de Ednaldo tudo começa a modificar:

[...] a gente já era acostumado com o pé no chão, o pé no chão e o braço, balançando, não era acostumado ta jogando braço, tá girando muito, rodopiando muito [...], tudo ficou muito diferente.

Nesse ano, a quadrilha ganhou em 1º lugar na categoria de casamento na roça, no Concurso da Aquanto, por esse motivo, é novamente convidada, para representar o município de Curuçá e o Estado do Pará no 4º Arraial Brasil, também realizado em Taguatinga – DF. Mais um orgulho para a Família Flor do Candorina. Para ilustrar parte dessas mudanças ocorridas na referida quadrilha coloco fotos de vários anos no decorrer do trabalho, as quais revelam as significativas mudanças nos trajes dos brincantes como se pode observar.

Figura 8: Traje masculino 2009



Fonte: Telma Ramos

Figura 9: Traje feminino 2009



Fonte: Telma Ramos

No ano de 2010, a quadrilha não teve um coreógrafo específico, foram os próprios brincantes, juntamente com a comissão que montaram a coreografia da Quadrilha Flor do Candorina. Como já havia 7 anos de experiência, não hesitaram em encarar o desafio. Neste ano, a quadrilha fazia sua entrada em uma canoa, homenageando a região do Salgado e os pescadores da nossa região, como Valéria informa:

[...] 2010 não houve coreógrafo, foi o Fábio, foi o Edevaldo e foi o Ednaldo, não houve um específico [...]. Porque a gente é da parte da região do Salgado. Aqui são os pescadores. Tem a maré, e tem a Bahia do Guajará, então vamos chegar na Fumbel de canoa. Chegamos pela Bahia do Guajará para abrilhantar esse lindo arraiaí. É assim que se vai apresentar.

Figura 10: Apresentação da Quadrilha Flor do Candorina 2010



Fonte: Cristiano Martins – O Liberal Belém - 5/7/2010

No ano de 2011, a Quadrilha Flor do Candorina não ia sair, mas Valéria Ramos tomou a frente da quadrilha e colocou o Grupo para ensaiar com apenas quatro meninas. Os brincantes veteranos já não se encontravam disponibilizados para dançar, ou por que estavam longe de Curuçá, haviam se mudado da cidade ou porque estavam namorando e a namorada não deixava dançar, isso é muito comum entre os brincantes. De modo que muitos que dançaram nos anos anteriores, não compareceram para compor o grupo neste ano.

Valéria conseguiu formar novamente uma equipe de dançarinos forte, de garra, muitos vieram de outros grupos juninos da cidade, tendo que se adaptar às regras e disciplina da Quadrilha Flor do Candorina, que era muito diferente das demais quadrilhas em que dançavam. Foi difícil administrar esse momento por conta de muitas intrigas que surgiram entre os veteranos e os novatos, causando certa repulsa por virem de outros grupos, mas com o embalo dos ensaios o conjunto foi ficando entrosado e forte.

Neste mesmo ano a Quadrilha Flor do Candorina ganhou em 1º lugar o Concurso Intermunicipal da Fumbel, ganhou também o concurso de Capanema e ficou entre as 10 melhores quadrilhas do Estado no Concurso do Centur. Ainda neste ano a quadrilha passa a ter um novo coreógrafo, conhecido como Júnior Forró, que segundo o brincante Carlos Leandro mudou novamente o estilo da quadrilha voltando ao que era, Carlos diz que:

[...] O estilo dele já vinha mais pro nosso, que é o roceiro, diferente do Edinaldo [...] que já é mais balé... aí tava modificando o estilo da quadrilha [...] a gente foi atrás de outro coreógrafo que fosse do nosso estilo [...].

Figura 11: Quadrilha Flor do Candorina 2011



Fonte: www.facebook.com/julianarodrigues.carol

No ano de 2012, por motivos de saúde com parentes da presidente Telma Ramos, a Quadrilha Flor do Candorina não se apresentou no período da quadra junina. Mas foi montada, pelo coreógrafo Ednaldo Trindade, para se apresentar somente no Festival do Folclore²⁰ da cidade de Curuçá, tendo somente 15 dias de ensaio. A quadrilha veio com algumas características da quadrilha roceira, mas extremamente modificados e estilizados, trazendo em sua composição danças com passos parecidos com os do balé.

O traje realizado neste ano possuía muito brilho, nas cores, branco, prata e preto. Trazendo como tema a dualidade entre o Amor e o Ódio. A quadrilha não apresentou misses, mas dois destaques, que foram chamadas de rainhas, umas representando o Amor, a outra, o Ódio, que fizeram sua apresentação juntas com uma única música. Percebe-se que há neste contexto a introdução de uma temática que vai se desenrolar no decorrer da dança. Pode-se até afirmar que a quadrilha traz neste período outro elemento de composição coreográfica que vai mudar a sua cena dançada.

Figura 12: Casal Flor do Candorina – 2012



Fonte: www.facebook.com/vitoriarodriguess

Já em 2013, a quadrilha voltou com todo gás com a sua estrutura roceira. Neste ano, a quadrilha foi composta por 20 pares e o coreógrafo foi o mesmo de 2011, Júnior

²⁰ Evento realizado pela prefeitura municipal de Curuçá no mês de julho.

Forró. Os ensaios aconteciam no Clube de Mães, na Escola de Ensino Fundamental Maria Hyluisa Pinto Ferreira, no PIT, situado na Praça Coronel Horácio e no palco do Festival do Folclore. Posso dizer que foi o momento em que presenciei de fato todo o processo criativo da quadrilha no período da quadra junina, já que em 2011 apenas dancei como convidada no mês de agosto e em 2012 dancei somente no Festival do Folclore como já mencionei.

Neste ano de 2012 enfrentei um dos maiores desafios durante os anos de experiência com quadrilha, pois fui escolhida para ser a Miss Mulata, apenas tinha sido Miss Simpatia em outro grupo em que iniciei minha experiência com esta dança. Agora representaria a Quadrilha Flor do Candorina que para mim foi uma honra e sei que fiz uma belíssima apresentação como miss em todos os momentos de apresentação dessa quadrilha.

Neste mesmo ano a Flor do Candorina ficou em 1º lugar no Concurso Intermunicipal de quadrilhas de Curuçá, tendo também, como ganhadoras suas misses simpatia, mulata e caipira²¹. Se classificando entre as três melhores no Concurso Intermunicipal de Marituba, entre as três melhores do Concurso Intermunicipal de Marapanim, e entre as cinco melhores no Concurso Intermunicipal de Capanema.

Figura 13: Quadrilha Flor do Candorina 2013



Fonte: www.facebook.com/jwallacelopes

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para discorrer sobre a Quadrilha, se fez necessário pesquisar sobre sua origem, e foram poucos os materiais encontrados para pesquisa. Pude perceber e entender a relação feita pela profª. Drª. Eleonora Ferreira Leal, feita em sua Dissertação de

²¹ Miss que representa a quadrilha com toda sua alegria e ousadia.

Mestrado CONTANDO O TEMPO: TRANSFORMAÇÃO, COREOGRAFIA E MODERNIDADE NO ESPETÁCULO DA QUADRILHA JUNINA EM BELÉM DO PARÁ, entre a *Contry Dance* e a Quadrilha, e também com outras modalidades de danças sociais que foram fundamentais para constituir esta dança.

Ao chegar ao Brasil à quadrilha ganhou inúmeras derivações, ganhando maior destaque a Quadrilha Caipira ou Roceira, conhecida também como Tradicional abordando costumes da vida rural. E entender todo o percurso e transformação que a Quadrilha sofreu durante quatro décadas, tanto no traje, como na complexidade dos passos coreográficos e o virtuosismo que se instalou nos grupos juninos, provocados principalmente por editais de concursos pelos quais as quadrilhas se interessam em participar.

Ao abordar a história e transformação da Quadrilha Flor do Candorina, pude compreender que se pode dizer que a mesma é uma Quadrilha Roceira, porém estilizada, apresentando elementos da vida no campo tanto no traje como nos passos, mas colocada em cena de outra forma, com trajes mais vistosos e bem trabalhados e coreografias mais elaboradas, justamente para acompanhar a transformação sofrida pelos outros grupos da capital, tendo como referência para tal mudança os editais dos concursos, as críticas e justificativas dos jurados. Telma reforça dizendo:

Iniciamos roceiro, agora ela é considerada Quadrilha Roceira Estilizada Flor do Candorina, porque a mudança nos traje... nós temos que acompanhar os outros grupos também, então devido a esse motivo que ela não é mais... até porque nem tem mais quadrilha tipicamente... aquela pura roceira. O que é roceiro dela? Tem a coreografia, os passos tradicionais nós temos, todinhos de quadrilha roceira, porém coreografados né? e o traje já vem estilizado.

Ao entrevistar no decorrer deste estudo a presidente, a diretora e um brincante da quadrilha, pude perceber o amor que eles tem pelo Grupo e o quanto se esforçam para colocar a quadrilha na quadra junina. Sempre digo que dançar quadrilha e para quem gosta de quadrilha, porque só quem está envolvido de fato sabe o que é passar esses momentos, enfrentando todas as dificuldades que aparecem e ainda ter forças para manter o Grupo, isso não é fácil.

Portanto, posso dizer que concordo plenamente com Telma Ramos quando ela diz que a quadrilha se chama Quadrilha Roceira Estilizada Flor do Candorina, pois a cultura é dinâmica está passível de mudança e a quadrilha como dança e com suas transformações sempre vai continuar evoluindo e se modificando. Sendo assim, conluo

que são vários os fatores que em conjunto vão se estruturando para que de fato ocorram as transformações ora observadas na Quadrilha Flor do Candorina de Curuçá. Espero que este estudo possa contribuir para outros professores e pesquisadores da área. Ele não se encerra aqui. Entendo que é apenas um início para que outros estudos possam surgir e que a partir dele eu seja levada a aprofundar meus conhecimentos por esta paixão arrebatadora da dança intitulada Quadrilha Junina.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Jaime Augusto Duarte. **Matintas: o mito amazônico na cena da dança contemporânea em Belém - Pa.** (Tese de doutorado). UFBA/UFPA, Salvador-Ba, 2012.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa.** Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/>>. Acesso: 25 mar. 2014.

CUNHA, Paulo de Tarso Monteiro da. **Curuçá no passado Curuçá no presente.** Belém, Seção de Serviços Gráficos EMATER-PA, 1987.

FERREIRA, Paulo Henrique dos Santos. **Fragmentos Históricos de Curuçá.** 1ª ed. Vol. 02. Castanhal-Pa, Graf-Set, 2005.

LANGENDONCK, Rosana van. **História da Dança.** Disponível em: <<http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/>>. Acesso em: 6 ago. 2013.

LEAL, Eleonora Ferreira. **Contando o tempo: transformação, coreografia e modernidade no espetáculo da quadrilha junina em Belém do Pará.** 2004. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal da Bahia, 2004.

SILVA, Eliana Rodrigues. **Dança e Pós-modernidade.** EDUFBA, Editora da Universidade Federal da Bahia, 2005.

ANEXOS

ANEXO -1

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIRA FLOR DO CANDORINA DE CURUCÁ - PA

Pesquisador Responsável: Márcia Vitória de Carvalho Rodrigues

Telefone para contato: (91) 91687784

Pesquisador participante: Valéria Ramos

Telefones para contato: (91) 9348-2708

Serão incluídos no estudo 01 pesquisador responsável direta pelas entrevistas em campo. A coleta será realizada com o uso de um formulário de entrevista com questões semi-abertas para percepção das impressões e representações dos sujeitos.

Nome e Assinatura do pesquisador: Márcia Vitória de C. Rodrigues

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Valéria Cristiane Freire Ramos, abaixo assinado, concordo em participar do estudo HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIRA FLOR DO CANDORINA DE CURUCÁ - PA. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Márcia Vitória de Carvalho Rodrigues sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Lugar e data: Curucá, 25 / 04 / 2014;

Assinatura do sujeito: Valéria Ramos

ANEXOS

ANEXO - I

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIRA FLOR DO CANDORINA DE CURUÇÁ - PA

Pesquisador Responsável: Márcia Vitória de Carvalho Rodrigues.

Telefone para contato: (91) 91687784

Pesquisador participante: Carlos Leandro

Telefones para contato: (91) 9175-4111

Serão incluídos no estudo 01 pesquisador responsável direta pelas entrevistas em campo. A coleta será realizada com o uso de um formulário de entrevista com questões semi-abertas para percepção das impressões e representações dos sujeitos.

Nome e Assinatura do pesquisador: Márcia Vitória de C. Rodrigues

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Carlos Leandro Pesquisador dos Saberes, abaixo assinado, concordo em participar do estudo HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIRA FLOR DO CANDORINA DE CURUÇÁ - PA. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Márcia Vitória de Carvalho Rodrigues sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data: Curuçá / 25 / 04 / 2014

Assinatura do sujeito: 

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu Valeria Cristiane Freire Ramos
(nacionalidade) brasileira (estado civil) solteira
(profissão) acesso a internet portador da Cédula de Identidade RG nº

AUTORIZO o uso de imagens da (Escola/ eventos) na pesquisa **HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIRA FLOR DO CANTORINA DE CURUÇÁ** PA de autoria de Márcia Vitória de Carvalho Rodrigues; que será para uso no relatório final da referida pesquisa, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens mencionadas em publicação na forma do relatório final e artigos científicos, em todas as suas modalidades. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem da referida quadrilha ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Local: Unica 25 de abril, de 2014.

Valeria Ramos
Nome do voluntário da pesquisa

ANEXO – 3

ENTREVISTA: Valéria Ramos

ABRIL/2014

CATEGORIA: Diretora Da Quadrilha Flor Do Candorina

DATA: 25/04/14

Como eu tava te falando, né? Então... pois é, é a mesma coisa... pois é, eu comecei quando a quadrilha era mirim, né? Como eu te coloquei que eu achava que em Curuçá deveria ter um grupo é... que também tivesse capacidade de chegar lá fora e... como diz... assim... ah lá em Curuçá a gente tem um grupo de nome, eu achava assim que as crianças daqui tinham capacidade pra isso, entendeu? E aí foi que o segundo ano dela a gente já levou pra concurso, né? Da Fumbel, um dos maiores concursos, é o sonho dum quadrilheiro, né? E então achamos de resolver de realizar esse sonho aqui em Curuçá. E quando a quadrilha foi dançar lá, e assim... quando a gente viu o público levantando, as surpresas, é... mexendo com o público, foi muito assim... emocionante, e daí não teve mais como parar, né? E esse grupo foi todo o ano o mesmo, todo ano... pra virar adulta... quando chegava os 14, 13 anos tinham que sair, então como era um grupo que todo ano eles tavam ali com a gente, quando eles pegaram 13, 14 anos ninguém teve coragem de... – não, vão pra quadrilha adulta, vão procurar outro grupo que aqui só é mirim – a gente não teve isso, a gente se apegou tanto no grupo que a gente resolveu virar adulto, foi aí que a gente virou adulto em 2007, foi o primeiro ano da Flor adulta, aí vinha aqueles comentários assim:

– Ah, como é que vocês querem ir pra Belém competir com quadrilhão lá?

Aí sempre a mamãe dizia:

– Olha, vocês tem que ter força de vontade e colocar na cabeça, que eu tenho... eu sou capaz, eu tenho capacidade, eu vou chegar lá fora eu vou mostrar o que eu aprendi, e quando chegar o folclório...

Que é o nosso... nossa maior festa tradicional dentro de Curuçá, o pessoal daqui vão pra baixo...

– Ah, bora lá pro bosque porque vai chegar quadrilhas de Belém.

Sempre era assim, então a gente ficava muito triste com isso:

– Ah, bora, bora lá pro bosque vê quadrilha de Belém porque aqui em Curuçá não tem quadrilha boa. Ah, eu não perco meu tempo no folclório em pé vendo quadrilha perereca daqui de Curuçá, que é tudo copiada.

Era assim que se... era, era... devido isso, a gente começou trabalhar em cima da crítica do povo, né? E foi que eu coloquei:

– Olha, vocês vão vim adulto, vai ser experiência nova, a gente vai enfrentar grupos antigos de Belém, tá? Vocês vão chegar lá e vão pegar concursos grandiosos e vocês vão mostrar que vocês sabem.

Quando foi 2007, foi primeiro concurso adulto, enfrentar uma nova... uma nova etapa, né? Todo mundo nervoso na rampa da Fumbel, quando chamou:

– Flor do Candorina de Curuçá, categoria adulto.

As perna de todo mundo tremia. Eu fico no som, eu não sabia se eu chorava, chega meu... chega meu queixo tremia parece assim que eu tava... que eu tava em São Paulo de tanto frio, mas era de nervoso, né? E quando eu vi o grupo evoluindo lá em cima e as meninas passavam e me olhavam, e sorriam, e cantavam, eu dizia:

- Meu Deus do céu, eu não acredito que... que eles tão dando conta, né? Tão mermo nível dos grupos antigos de Belém de... tão mermo nível de quadrilheiros antigos de Belém.

E eles deram conta ali em cima, e graças a Deus é só vitória assim, né? Aí foi que a gente a... é conseguimos, né? Entrar na Fumbel, categoria adulto em 2007, eu disse:

- Caramba! Será que vocês vão chegar ao topo de pegar primeiro lugar Fumbel adulto?

A gente tinha esse sonho. Quando passava os... os ônibus de... duplex, quando começamos a ir pra Belém, depois de 2007, que viramos adulto, eu tinha um brincante que ele dizia assim:

- Lela, já pensou a gente num ônibus desse?

Eu dizia:

- Olha, a palavra tem o poder e nada, né? Nada é impossível, basta vocês quererem, e ano que vem a gente vai vim mais cedo...

Que era pra 2008.

– Vocês chegaram em 2007, o primeiro ano de vocês, nas trintas melhores...

Não passaram a... a... final, né? Não passaram a final, perdeu pra marcador, ele tirou antes do tempo, porque antigamente, na Fumbel era duas fase, chegava as trinta

melhores, depois das trinta, tirava as dez melhores. Chegou na final, aí o marcador ficou com tanto nervoso, não... esqueceu o relógio... que ele era um rapaz aqui do umarizal... e tirou o grupo 1 minuto antes do tempo, a gente perdeu meio ponto, devido isso a gente não alcançou entre as dez melhores de 2007, primeiro ano. Quando foi 2008, eu disse

- Vocês tem um sonho, eu também tenho, de chegar em Curuçá e falar assim:

- É... entre as dez melhores, Centur e Fumbel.

- Já pensou?

Então eu sempre colocava isso na cabecinha deles e sempre colocava na cabeça das miss, porque tem quadrilha que trabalha em cima do grupo e num liga pras miss, eu acho isso um absurdo, falta de respeito, entendeu? Porque, pra mim, só das três aceitarem o convite, se patrocinar, e... tudo é caro, né? E elas tem que vim bonita, é uma época delas, das miss também de se exibir, danço sozinha na frente do público, dos jurado e então eu acho que é o conjunto, tem que sim, tem que se empenhar nas miss, tem que se empenhar no grupo, tem que se empenhar no marcador, então pra mim é o conjunto, né só... porque tem quadrilha que num quer saber de miss não. E aí foi o conjunto, graças a Deus. Aí 2008 foi tudo de bom assim, segundo ano da Flor adulta, né? Aí, Fumbel... quando chegou lá que sempre a Flor do Candorina veio trazendo surpresa, né? E a surpresa do... das... era nas meninas, eles puxavam um aventalzinho delas assim... e eles homenageavam as bandeiras de São João, quando a gente viu o público levantando assim... eu digo:

- Meu Deus o quê isso? Meu Deus do céu!

E... eu chorei, chorei, chorei, aí o DJ me abraçava dizendo:

- Nossa! Que coisa linda!

Então é isso, nossa... né? Tem gente que fala assim:

- Ah, tu ganha muito dinheiro com quadrilha.

Eu fico muito triste. Esses dias agora teve no face, no “são benedito”, que sempre ele... ta espetando... e ele falou isso:

- Ah, porque vocês ganho muito dinheiro...

Aí... tipo um ditadozinho que eles põe lá, uma baixariazinha lá:

- Cofre, cofre, cofre...

É... aí, sabe? Não é isso. O que... o que a gente gosta de vê é as pessoas vim dá parabéns:

- Poxa que lindo!

É isso, não é financeiramente, que num... num traz retorno, né? Quem vive, quem é quadrilheiro sabe, não traz retorno. Quando ganha uma premiação sempre é pra pagar os cartões. A prefeitura ajuda sim, mas não é 100 por cento, né? E eles dão apoio sim mas... olha, eles chegam com agente assim:

- Olha é 50 por cento o nosso apoio e o transporte.

Já é tudo porque o transporte pra se locomovê... então eles já entram com o transporte, já dão 50 por cento do... do... dos tecido, então já tá ótimo, né? Só a parceria do ônibus já é tudo porque dentro de Belém a gente vê quadrilhas cada um pagando sua passagenzinha dentro do ônibus urbano, que quadrilheiro é... tem que gostar muito, primeiro a pressão, né? Tem a pressão porque a gente põe a pressão que é justamente pro grupo não cair, que não é legal tu disputar um concurso, e te matar e vem aquele resultado:

- É, vocês não entraram.

Porque 5, 6 brincante não tavam se... se desempenhando e... aí sempre sai confusão... então não é legal... então tem a pressão, né? Tem a pressão em cima de mim... que tem uma pessoa mais... além em cima de mim, né? Que é a mamãe, a professora Telma, que me cobra:

- Olha, num gostei do ensaio, puxa mais esse pessoal!

Aí, o que que eu tenho que fazer? Puxar mais o pessoal:

- Bora, cantoria, bora cantá!

Porque a evolução da quadrilha é a alma, a evolução é... a empolgação. Você para pra assistir uma quadrilha e você vê todo mundo mudo, você num vê sorriso nas meninas, você num vê sorriso nos homens... égua da quadrilha... que num dá nem vontade de tu assisti, né verdade? Aí tu vê todo mundo errando, então num é isso, então primeiro lugar empolgação, animação, né? Aí vem a evolução, evolução é... é a cantoria, a empolgação é o brincante dançando, sorrindo, cantando, mexendo com o público, é as meninas charmosa, sabe? E aí... aí quer dizer, o grupo de mulheres são mais cobrado devido isso, e os homens são a evolução, e as meninas são a frescura, então a gente tem que casar, né? A gente tem que tê a cantoria deles forte, as meninas tem que acompanhar, que geralmente a voz da... das damas são mais fina, mas elas tem que dá uma força pra eles, que tadinho, já pensou só eles cantando? Elas tem que dá uma força pra eles que é pra segunda voz, a gente chama, né? É a segunda voz, e aí... sorriso, ponta de pé, já pensou tu dançar quadrilha na ponta do pé, né? É muito sofrido, fica cheio de calos os pés, então... poxa tu ensaia, ensaia, ensaia pra chegar lá num

campeonato grandioso tu não entrar, não... eu não acho legal, então a pessoa tem que ir com garra, tem que entrar, tem que dançar com amor, por isso quando eu vou convidar, eu pergunto:

- Tem certeza que tu queres dançar? Tu vai dançar? Nada vai te empatar? Porque se tu vier, é de coração.

Porque a dança... tem que ter muito amor na dança, né? Aí tem gente, que a gente ta ensinando, aí fica com carão, não aceita, entendeu? E isso é meio complicado, mas fora isso 2008 foi assim... um dos anos muito bacana mesmo, 2011 foi outro grupo muito bom que... eu e a mamãe a gente tinha... a gente convivia tanto com eles assim... os antigão, né? Que eram desde mirinzinho com a gente, a gente pegou aquele afeto, aquele amor, que nem as famílias, virou uma família, né? Passou ser uma família, a gente tinha muito contato com os pais. Final de semana, onde tinha aniversário, a gente ia:

- Olha, lá em casa ta tendo aniversário vão pra lá... olha, essa aqui é a mesa do pessoal da Flor do Candorina...

Então todo tempo era assim, então quando esse grupo foi quebrando é... foram saindo, a mamãe achava que não ia funcionar, e sempre eu dizia pra ela:

- Mãe, nada e ninguém é insubstituível nessa vida.

- Ah, mas num vão...

- Vão...

Aí quando foi 2011, a Flor não ia sair e eu tomei a frente, tomei a frente, o meu irmão se hospitalizou:

- Mano, to indo pra Curuçá...

Começou o ensaio com quatro brincante, quatro meninas, eu disse:

- Meu Deus!

Não tinha mais ninguém... aquele pessoal que dançava, ninguém queria mais dançar, uns já tinham ido embora, outros já tavam com namorada, a namorada não queria mais eles na quadrilha, tem esse lado também, né? E aí eu peguei... comecei com... o Felipe:

- Felipe você vai dançar no seu outro grupo lá?

Ele disse:

- Não, não a gente não vai dançar.

Eu disse:

- Bora me ajudar?

Ele disse:

- Um bora.

E eu fiquei muito triste porque ele... ele foi chamando todo mundo, foi formando o grupo e no final ele não ficou, ele voltou pro outro grupo.

Eu disse:

- Num entendi.

Tudo dele eu procurava entender, ele também trabalhava no bar do pai dele:

- Olha Lela, amanhã eu não vou poder ir, eu vou pro bar do meu pai.

Eu disse:

- Não, então não vem.

Mas de repente ele... ele é meio neurado assim, né? Quando eu vi, o Felipe desapareceu dos ensaios. Aí ele já tinha convidado a Cibele, já tava todo mundo lá, então já tinham me falado assim... que quando ele saia, todo mundo saia atrás, aí eu dizia:

- Não sou acostumada com esse tipo de regra, aqui isso não existe.

Entendeu? Acho que cada um sabe tipo... o André errou aí... não tem porque tu sair do grupo por causa disso... porque o André errou eu tirei ele, tu vai e sai, então pra mim isso não era união, não era amor no grupo, e sempre eu colocava isso, e quando ele saiu, eu digo:

- Caramba! E agora?

Aí veio o André... aí começou a vim o pessoal... começou a vim o pessoal e aí já começou a rolar uma polêmica, porque eles todos tinham o cabelinho grande, tinham alisado, tava naquele auge do alisamento, né? Então começou a rolar uma polêmica, dizendo que eu tinha é... sacaneado com eles, eu chamei eles e disse:

- Olha gente, aqui não é permitido... vocês tem que usar cabelinho de boy, porque quebra o conjunto, eu to falando porque eu ponho o grupo dentro de regulamento, eu não ponho o grupo pra tomar mingau, eu não ponho o grupo pra ir lá na Fumbel dançar, dançar, dançar, se matar e no outro dia o resultado... vocês nem se classificaram, então se vocês quiserem ficar... é proibido maquiagem em homem, o que vocês podem usar é um pozinho pra tirar as olheiras, o cansaço, mas nada de lápis, porque quem é a mapô é a mapô, vocês fazem o papel de homem.

Aí foi que o Carlinho cortou o cabelo. Eu achei lindo, sabe? Porque nenhum bateu de frente comigo, nenhum, todos chegaram Lela... só me pediram um prazo, que eles queria cortar bem perto da quadra de São João. Eu disse assim mesmo:

- A mamãe...

Aí me chamavam:

- Olha, os viados não vão cortar não, eles ficam falando lá no bosque que eles não vão. Se for pra cortar perto do... do... da quadra de São João, se tu falar eles todos vão sair.

Só que eu não acreditava, entendeu? Chamei eles e fiz uma reunião:

- Gente, eu tenho brincante antigo que gosta de entrar aqui na Flor do Candorina em... metade de maio, e eu queria muito acabar com isso, então é... e já mandaram recado é... que eles vão voltar, eu to precisando, ta faltando 6 ou 7 homens pra mim fechar meu grupo de homens, eu to precisando, mas nenhum de vocês vão sair.

Era Silvinho mandando recado, era Didi mandando recado, que eles só iam voltar pro grupo se os viado saíssem, porque eles nunca tinham visto na Flor do Candorina cheio de viado. Eu disse:

- Se eles quiserem dançar, eles vão ter que aceitar vocês, porque eu comecei esse ano com vocês, não é porque eles mandaram recado, que eu vou chegar... olha gente não é mais pra vocês dançarem aqui...

Já suaram pra caramba, né?

- Se eles quiserem essas vaga que tá aqui, eles vão tê que entrar pra dançar junto com vocês.

Foram se chegando, aí veio Silvinho, aí veio Curinga, aí veio se chegando, aí se entrosaram. Eles não aceitaram muito... o Felipe (a macaca)... não aceitaram ele, ele dançou, mas eles falavam:

- Não, se ele dançar aqui, a agente não dança mais.

Mas ele me respeitava, no começo ele queria um pouco assim... tipo, todo mundo ensaiando ele vinha sentava, eu dizia:

- Porque ta sentado Felipe?

Ah, porque lá, eu dançava mais, e sempre o Irozel me tirava porque eu... por causa do meu pé.

Eu dizia:

- Mas aqui no meu grupo, todo mundo é igual, todo mundo dança, tem meninos aí que dança, canta, dança canta, e tão ali dançando. Volta pro teu lugar e vai ensaiar.

Quando eu olhava, ele tava querendo dançar que nem mulher, eu dizia:

- Olha, por isso que o teu apelido é esse. Aqui tu tem que te comportar mais. Eu não to dizendo que aqui é melhor, mas aqui tem regras pra poder tu fazer bonito lá fora.

Quando veio o resultado, que ele nunca imaginou ganhar uma Fumbel, primeiro lugar, que foi que o grupo alcançou, esses meninos... os que emocionam mais, que é o Carlinho, o Velton... que eles demonstram mais emoção assim... eles não tavam entendendo:

- Lela, eu primeiro lugar Fumbel!

Então, o que que faltava com eles? Trabalhar mais, entendeu? Conversar mais. Eu digo:

- Tu ta vendo como não é legal vocês fazerem o que vocês querem? E vocês tem que vê que eu to trabalhando o regulamento, e ta aí o resultado. Vocês ganharam Capanema, primeiro lugar, levantaram o público.

Então foi muito bonito, então foi o grupo que eu... que vai ser pra mim inesquecível, é o grupo de 2011, sabe? A menina, a Cibele veio né? e puxava uma, puxava outra, aí pra Brasília tu já foste convidada né? então, eu acho assim, que foi um grupo maravilhoso, maravilhoso mesmo, um grupo que pra mim, não tenho palavras pra esse grupo de 2011.

A minha função... é as músicas né? é eu que escolho as músicas, eu que fico vendo as batida pra vê se o pessoal pega ou não o ritmo. Se eu vejo que não tão pegando o ritmo, eu tiro a música, aí então eu vou pro estúdio, se a música ta lenta pro grupo eu já ponho o *pit* né? que é pra acelerar a música. Já levo dois brincantes pro estúdio:

- Bora, dança aqui pra gente vê como é que vai ficar essa música, se vai ficar legal ou não.

Geralmente eu tiro... aí eu escolho assim... eu faço uma seleção de músicas né? pra num ficar enjoando, e geralmente a música pra São João, eu já ponho mais próximo. Quando ela é instrumental, eu tenho que trabalhar com ela, os ensaios todinhos pra ninguém ficar fora... que é horrível né? dançar fora do ritmo. Então tu fica vendo... eu fico vendo, o grupo ta ensaiando, eu to olhando, pra vê se o braço ta no ritmo, pra vê se a marcação ta no ritmo, que geralmente a marcação é na perna direita né? pra vê se vai dá na hora do... eu:

- Bora Pré, grita FOI. Aí ele vai:

- FOI!

Aí tem gente que já se embanana todo pra...:

- Não, não ta legal essa música.

Eu vou e vejo o que que tá... entendeu? Aí eu volto pro estúdio. Nada, nada, no estúdio agente gasta uns 400 reais nos ensaios, porque minha vida é ta dentro do estúdio:

- Olha, quebrou essa música. Olha, a passagem pra outra, não... vou ter que ir lá no DJ de novo.

Então, minha função também é essa, entendeu? Parte sonora né? que é o som. Das miss também, é eu que escolho as músicas, e aí eu chamo o coreógrafo:

- Olha, eu quero essa música aqui, o tema dela é esse, o ritmo dela é esse, e não adianta tu querer escolher outra música que ela não vai... ela não vai funcionar. Aí o ritmo dela é esse aqui.

Aí vai... ele trabalha em cima do ritmo da miss, entendeu? Se ela é acelerada... porque tem menina que pega tudo assim né? bem acelerada, tem menina mais calminha. Letícia, por exemplo, era só close, não adiantava jogar nada pra ela muito acelerado que não dava certo, o ritmo dela era balezão, aquela coisa bem mesmo clássica, igual o teu ritmo, o teu ritmo já era mais clássico, pra vê que tu... foi um desafio muito grande né? mas graças à Deus tu superou. Aí, então, a da Juliana... a Juliana já é acelerada, pode jogar aí um forrozão bem acelerado que ela se joga. Aí, eu também... a minha função é essa com as miss né? eu que escolho as cores dos trajes, eu vou com o estilista:

- Olha, a cor da roupa dela é essa, eu quero essa cor. Agora tu distribui aonde for, se é na blusa, se é na manga...

Aí já é com o estilista essa parte. Eu quero, por exemplo:

- Eu quero o amarelo e lilá, aí tu vai distribuir o amarelo e lilás nela.

Eu já fico vendo até tua cor de pele pra vê o tom da roupa, entendeu? Se vai ficar adequado pra ti. Aí minha função também é essa né? é os ensaios, é a parte sonora e as miss. Aí a da mamãe já é tecido, loja, ela já... é a parte assim da costureira, dela tá ali, vê um detalhe... eu acho que também é muito importante, né? Então cada um... aí do Fábio já é a parte de histórico, entendeu? Essa parte assim que...

- Olha mano, faz o histórico aí pra gente levar.

Aí, ele vai escreve tudinho, aí eu trago pro rapaz...

Então, ela me ligou né? como eu ti falei, eu vim assistir o primeiro ano, eu achei que o grupo tinha capacidade de ter coisas melhores. Então eu percebi que eles eram bastante inteligentes. Apesar deles serem crianças, eu percebi que eles davam pra dançar mais. E quando foi o segundo ano, em 2004, eu já vim pra mim me envolver, me dedicar no grupo pra concurso mesmo.

- Olha, a partir de agora é comigo, os ensaios é mais rígido. Tem brincadeira, vocês são criança, são, mas tem a hora pra brincar. Agora vocês vão dançar, vão aprender a dançar quadrilha, e pra gente levar vocês pra fora, pra vocês fazerem bonito, pra dizerem assim mesmo:

- Nossa! Que quadrilha é essa?

- É lá de Curuçá.

Como hoje né? graças à Deus a gente tem esse orgulho né? conseguimos né? realizar esse sonho, de ter um grupo respeitado aqui dentro. Então aonde você chega... um dia desses veio uma menina aqui e disse assim mesmo:

- Lela eu fui morar lá na Duque, tu não ta entendendo o quanto a Flor do Candorina é conhecida lá. Eu tenho um tio, que ele é coreógrafo de quadrilha, tu sabia que ele ta copiando a Flor do Candorina? Quando eu vi o DVD, eu disse, meu Deus essa quadrilha é lá de Curuçá, é a Flor do Candorina, ele disse:

- É. Tu sabe me dizer se ela vem esse ano?

Aí a menina disse assim:

- Parece que não, perguntei pra professora, parece que não vem. Aí ele disse:

- Ótimo!

- Porque eles vêm copiando vocês de 2010.

2010 a gente tinha a canoa, essa parte... da parte do artesanato já é com o Pré né? que ele já cria... aí a gente... bora vim com uma canoa, porque... Curuçá, região do Salgado... aí, 2010 eu queria uma canoa:

- Como uma canoa?

- Não sei, eu quero uma canoa, eu quero a entrada do pessoal dentro duma canoa. Porque a gente samo da parte da região do Salgado. Aqui é os pescadores. Tem a maré, e tem a Bahia do Guajará, então vamos chegar na Fumbel de canoa. Chegamos pela Bahia do Guajará para abrilhantar esse lindo arraiá. É assim que se vai apresentar.

Então é tudo eu que crio essa parte do... da parte do marcador, dele apresentar a quadrilha pros jurados né? e cada ano a gente cria uma entrada, tem entrada triunfal. Aí 2008 foi o pau de arara né? pau de arara, o pau de arara ele é da roça, ele vem trazendo as fruta, e tem interiorzinho que até hoje não tem outro transporte que... o pau de arara. Quando a gente chegamos com o pau de arara lá em 2008, não 2007, minto, o pessoal achavam tanta graça, tanta graça, os meninos com aquela frente de carrinho e todo mundo entrando. Porque a quadrilha roceira ela é cômica né? tu tem que puxar um pouco também do lado comédia assim, pro pessoal acharem um pouquinho de graça, e

tem gente que não consegue entender, aí começa a querer ta avacalhando, não é isso. Aí, a entrada com o pau de arara... 2008 já foi... agente já foi numa carroça com dois cavalinhos de patichulim, o patichulim ele faz parte da quadra junina, ele é cheiroso né?

- Então mãe, vamos mandar fazer dois cavalos de patichulim.

- Mana aonde eu vou mandar...

- Não sei, eu quero.

Lá vai a mamãe pra Belém atrás de... lá pra Icoaraci, foi pro ver o peso.

- Minha filha, já consegui mandar fazer.

Sei que chegou mana, os cavalinhos aqui de patichulim. Quando chegou na Fumbel e Centur, que eles gostam muito disso, foi a sensação. Era jurado, quando acabou a quadrilha, era jurado querendo bater foto com os cavalinho, era o público batendo foto, então é isso que a gente gosta entendeu? De fazer a diferença e... eles virem né? Levamos pra Brasília também o pau de arara, chegou lá, distribuímos patichulim, o cheiro do Pará lá, e era gente com copinho descartável querendo um pouquinho. O pessoal gostaram muito das meias das meninas, que nessa época, as meias, a gente mandava fazer de crochê. Era menina tirando meia assim... e dando pra eles, eles querendo de recordação, então é isso que é muito legal, é aí que tá a nossa gratificação, nessa parte.

A disciplina também. A disciplina, é eu e a professora Telma, a gente procura fazer junto essa parte. É... ônibus, meninas prum lado, meninos pro outro, a gente procura fazer chamada. Nada de ir subindo:

- Êeeeeeeeeehhh!

E brincante querendo ir lá pra trás... agente pega os brincantes mais danados e põe pra frente, que eles já passam vim até quietinho. Se tem casal na quadrilha, não é permitido ta se... todo mundo já sabe que são namorados, não é preciso ta se agarrando toda hora, não é permitido ta sentando no colo do outro... menina ta no colo de menino, a gente não permiti, que é justamente pra ter uma regra, pra quebrar... porque sempre tem... sempre soa...

- Ah! Quem é de quadrilha...

Entendeu? Então, sempre a gente falava isso pras nossas meninas e pros nossos meninos.

- Gente a fama do quadrilheiro não é legal, então bora quebrar esse lado.

- Ah, eu não vou deixar a minha filha sair, porque ela vai aparecer de bucho.

- É logo o que falam de quadrilha. Então vocês vão fazer a diferença, vão fazer diferente.

É por isso que quando tem brincante da Flor do Candorina bebendo depois de ensaio, a gente nunca gostou... tá, teve uma vitória né? num campeonato, poxa é legal comemorar, mas comemorou ali, deu umas meia noite, manda todo mundo pra sua casa.

- Acabou o ensaio, vai dormir, não tem que ficar bebendo, porque tu não vai consegui dá o teu melhor na quadrilha, ainda mais se tu amanhecer, tu vai chegar um caco no ensaio, o que que tu vai render no ensaio? Nada. Tu não vai consegui cantar, tu não vai consegui ensaiar, tu vai ficar ali estragado, não tem como.

Então é o que mais a gente pede, quando começa dançar, a gente:

- Dá um tempo da bebida, quem fuma, dá um tempo de cigarro, procura fumar menos. Não é frescura, é o certo mesmo.

A maioria que passou a dançar, que curtia muito, começou a perceber.

- Não Lela! É verdade, a gente fica muito desgastado, a gente não dá conta.

Eu digo:

- Pois é. Se cês quiserem ganhar, é isso aí né?

E a disciplina da Flor do Candorina é essa, entendeu? Não é permitido bebida na hora de ensaio. Quando vai pras viagens é homens prum lado e meninas pro outro. Se vai pra dormir fora, no alojamento, é meninas prum lado, fica comigo e com a mamãe, os homens ficam com o marcador e com o papai né? fica com eles pra lá, os homens prum lado e as meninas pro outro. Viagem pra fora a mesma coisa... então nossa disciplina no grupo é esse, entendeu? E sempre procurando fazer todo mundo ficar unido, porque tu viver 4 meses num grupo, e ter intriguinha, fofuquinha, não é legal, você não rende também. Que aí você não quer pegar na mão da colega na hora duma... dum filão, duma coisa, você não quer nem tocar no ombro da menina, aí o outro também já não quer ficar perto do outro, senão vai dá um soco. Então, pra evitar isso, a gente procura, no mínimo, todo mundo ser amigo, todo mundo ser parceiro, porque funciona melhor. Não gostamos que um brincante chame a atenção do outro, porque isso não dá certo. Se eu pegar, eu chamo atenção. Tem alguma coisa a reclamar do próximo, do outro colega? Chega comigo:

- Olha Lela, não ta legal, pô na hora do ensaio ta bagunçando, chama atenção dele. Eu vou e chamo. Mas não quero que tu chame atenção do outro, porque não dá certo, ele não vai te obedecer, ele vai se alterar contigo e vocês vão brigar, então deixa

que eu... to aqui, eu to olhando o ensaio, se... alguma reclamação que eu não teja vendo, chega comigo e fale.

Então essa que é a regra da Flor. Eu acredito que quase de todos os grupos de nome, são esse.

Ah! O meu amor pela quadrilha vai ser eterno né? To tentando colo... de todas as maneiras, tentar colocar esse ano, nem que seja, como a gente fez naquele ano, pro folclore, que... acredito que eu vou consegui, to tentando um espaçozinho. Meu amor pela quadrilha, não tenho nem palavras assim né? como eu ti falei, a gente acaba se apegando, quando acaba a quadra junina, que todo mundo vai pro lado pro outro, a gente sente muito, muito, muito. A mamãe me liga triste:

- Que é mãe que a senhora tem?

- Nada.

Eu sei que ela ta triste ali. As vezes ela chama atenção, porque infelizmente tem que chamar né? as vezes, como ela é mais velha, se torna rabugenta.

- Ah, a professora ta muito rabugenta hoje, não sei o que... Ah Lela.

Aí corre tudo pro meu lado. Porque o que eu tenho pra falar eu falo mesmo, aí o pessoal já se acostumaram com meu jeito, entendeu? Mas, ela acaba também se apegando, principalmente nas meninas, ela... ela passa a se apegar muito nas meninas, aí ela quer tá... tudo que ela sai pra comprar é pras meninas. As vezes eu até brigo com ela:

- Olha, a senhora ta se esquecendo do grupo de homens, viu? Compre coias boas também pra eles.

- Tá, ta bom, eu to levando.

Mas toda vez que ela vai no comércio, ela me liga:

- Ai Lela, tem uns cordão lindo pras meninas, ai Lela tem uns brinco...

Aí eu:

- Olha os meninos também, eles não usam brinco, não usam pulseira, mas tem coisas boas aí pra eles.

Aí é isso, entendeu?

ANEXO – 4

ENTREVISTA: Telma Ramos

ABRIL/2014

CATEGORIA: Presidente Da Quadrilha Flor Do Candorina

DATA: 25/04/14

5 de junho de 2003.

Porque tudo começou na escola, na escola que eu trabalhava, foi a Candorina Campos, devido a festa da escola... que a gente tinha na escola no mês de junho, aí nós nos reunimos, eu com os alunos e fizemos essa quadrilha, que no primeiro momento era pra dançar somente no colégio, aí como é... os traje ficaram tudo assim bonitinhos, tudo arrumadinho, aí começamos sair pra dançar nos terreiros daqui mesmo da cidade, né? Quando foi no dia que era mesmo pra dançar na escola, a quadrilha já tinha dançado tudo por aqui, aí a finalidade... no primeiro momento foi que era pra dançar na escola devido a festa junina que tem, foi esse o primeiro momento.

A ideia surgiu dos alunos, que alguns alunos que me convidaram:

– Professora vamos montar uma quadrilha pra nossa festa da escola? A senhora gosta de quadrilha?

Eu disse:

- Gosto...

Eles falaram:

– Então bora, vamos fazer uma quadrilha?

Eu disse:

- Vamos, mas eu não quero com dança.

Que na época a quadrilha era misturada com dança.

– Eu quero uma quadrilha... eu disse pra eles assim: entrou e saiu. Aí foi isso.

Hum... tá... eu era professora da 4ª série... é... tinham crianças de 9 anos e sendo que... num foram só meus alunos, vieram alunos também de outras salas, té da 7ª série... té da 7ª série vieram, então era de 9, 10, 11, 12, entendeu?

Eles apoiaram, né? Porque eles mesmos que compraram as roupas...

Na escola, escola Candorina Campos logo no início, na casa... no quintal também, da residência dum rapaz que começou comigo, foi o primeiro coreógrafo, que

foi o Titó, nós íamos pra lá. Eram esses dois locais logo que nós começamos né? e depois, no decorrer dos outros anos, já era em outros locais, no Umarizal, na sede do Umarizal, Clube de Mães daqui do umarizal, em frente a Colônia dos Pescadores aqui na rua Saldanha Marinho, e por último... ensaiávamos na quadra também, daqui da praça pra fazer o treinamento pra ir pra Fumbel, pro Centur, e outros espaços maiores né? nós procurávamos a quadra daqui. Aí teve o PIT também, que ensaiamos muito aqui também, aqui na orla, e só.

Foi através de uma eleição escolhida pelos alunos da escola, foram três nomes: Flor Junina, Estrela Junina e Flor do Candorina, aí o mais votado foi Flor do Candorina.

“Flor” porque eles... a escola, o nome Candorina Campos, eles como eram alunos da escola, e eles se identificaram como flores, sendo as meninas... os meninos cravos e as meninas rosas e outras flores, aí então ficou, Flor do Candorina. Foi assim que foi feita a escolha do nome.

Quando nós... quando a Flor do Candorina iniciou, o traje dela era de *TNT* azul e branco. Por que azul e branco? Devido a cor da escola, da farda da escola que era azul e branco.

Não. 2004 já foi modificado né? já foi pra xadrezinho azul, chapéu, melissa, passamos aderir a meia de crochê, devido a meia de crochê fazer parte da... ditamente assim, da roça, quadrilha roceira, então nós aderimos a meia de crochê como nosso referencial também, nos nossos trajes.

Quando nós iniciamos fui eu com os alunos, e depois já houve uma outra equipe pra fazer a seleção, no caso a Valéria, que é minha filha, passou a escolher, música da quadrilha, música de miss. Esse trabalho era com ela e com o Fábio, o Fábio Ramos, meu filho também.

Depois do Titó, como ele não teve mais tempo, que ele também tinha a quadrilha dele, aí passei a me comunicar com a Elma, a Elma Teixeira, que ela era brincante dos Matutos, então ela passou a vim montar a Flor do Candorina, 2004 foi com ela.

Sim. Ela foi nossa coreógrafa até o ano de 2008, aí não deu mais pra ela vim, devido ela ta estudando, cursando a faculdade, casou, aí não houve mais condições dela vim, aí já vieram outras pessoas pra ser coreógrafo, de Belém.

4 anos. Até 2006 ela foi mirim, 2007 ela passou pra categoria de adulto.

Sim. No início só era da escola né? depois eles... depois a quadrilha... é... nós passamos a aceitar sim, da comunidade, porque a escola é de Curuçá e as outras

peessoas, os outros jovens tinham vontade de dançar na quadrilha, aí ficou em aberto pra aceitar outros jovens de outras escolas.

Nós fazíamos várias promoções, bingos, rifas, sorteios.

Os bingos, cada brincante levava o seu total de cartela. Quem não passasse, pagava aquele valor daquela cartela, que era justamente pra ter o dinheiro em mãos pra passar a comprar os acessórios, os tecidos, os acessórios do traje, eles pagavam mesmo.

Sim. Da prefeitura, sempre nós tivemos, mas acontece que não tem só a Flor do Candorina pra eles, pra prefeitura ajudar, então não pode ser 100 por cento pra Flor, tem os outros também né? então o que eles davam, ajudava. E a outra parte que a prefeitura faz, é o transporte pro grupo sair, pra participar de outros eventos culturais, em outros municípios e assim sucessivamente.

Não. Não, nós nunca tivemos ajuda de comerciante. Eu me lembro, o primeiro ano que nós fomos pra Brasília, eu saí sim com eles na rua, porque a prefeitura já ia dá o transporte, nó saímos na rua pedindo ajuda, o que pudesse ajudar, 10 reais, 5, 20, o que eles pudessem ajudar, eles ajudaram, foi essa primeira e última vez.

O que mudou? Tudo muda. O custo, o custo dos traje já muda bastante, porque uma quadrilha mirim é diferente, o sistema monetário, do dinheiro, para um adulto. O adulto, os acessórios são mais, tudo é diferente na do adulto, começa por aí, pelo valor, pelo orçamento, é totalmente diferente em tudo.

A disciplina também, porque a gente tem que saber mesmo como é que vai trabalhar com eles, com os adultos, criança é criança, adulto não gosta de ser chamado a atenção né? então tem que saber como é que se vai chamar a atenção, conversar, que aí a gente consegue.

Eu não vou dizer assim que a gente... como é que eu posso falar aqui? Copiava. Não. Eu sempre gostei dessa quadrilha, dos Matutos, mas assim, a gente... não era assim totalmente uma referência, porque aqui a gente sempre teve as ideias próprias daqui. Eu achava bonito eles dançarem, eu achava bonito a alegria deles, a simplicidade do traje deles, eu achava bonito, aí, se serviu de inspiração valeu né?

Aonde nós dançávamos, os locais, concursos, outros tipos de eventos...

Eu gosto. Gosto de trabalhar em cima de críticas porque ajuda, a crítica construtiva, não a destrutiva, que venha querer humilhar, não, a construtiva sim, serve muito, eu aceito.

As viagens que nós fazíamos sempre foram excelentes as nossas viagens, nós nos organizávamos, procurávamos verificar qual o brincante que tinha assim... uma

necessidade maior que o outro, como por exemplo, quem tinha enjoo na viagem, quem tinha esse problema de enjoo, dor de cabeça, tinha problema de ta fazendo várias vezes xixi, aí nós nos preocupávamos com essa segurança também, da parte do brincante. E quando nós saíamos aqui de Curuçá, pra ir pras nossas viagens, chegava ali na entrada da Brasília, era de praxe se fazer o nosso Pai Nosso, ninguém nunca saía daqui sem num fazer o nosso Pai Nosso, todas as nossas viagens fazíamos um Pai Nosso quando saíamos aqui da cidade, e sempre foi bem aceito por todos. As vezes até eu esquecia, e aí eles já gritavam:

- Fessora o Pai Nosso, o Pai Nosso!

Eu achava interessante, eu achava bonito isso deles, eu gostava.

Sim... a organização de dentro do ônibus. Sempre nós fazíamos meninas pr'um lado e meninos para o outro lado, que a partir do momento que se torna adulto... mesmo quando eram mirim, nós fazíamos isso, sempre, era uma regra da quadrilha, uma regra que nós iniciamos, do qual eles mesmo passaram aderir. Quando chegava algum brincante novato, eles mesmos já falavam, os antigos já falavam como é que era. Então nós não tínhamos problema com isso, não tinha a bagunça, não tinha bebida dentro do ônibus, não tinha cigarro dentro do ônibus, não fumavam, não bebiam, não era permitido palavrão, chamarem palavrão no grupo, não era permitido, isso era uma norma da quadrilha, era uma norma nossa. E quando algum brincante percebia que aquele outro queria ta só chamando esses palavrões, eles mesmos chamavam pra comunicar. E nós chamávamos o brincante separadamente, conversava e se resolvia o problema.

A quadrilha, ela conquistou título desde mirim, desde mirim. Ela saiu daqui pela primeira vez pra participar de um concurso pra Belém, nos dois grandes maiores eventos culturais do Estado, Fumbel e Centur, que esses dois é tudo pr'uma quadrilha, pr'um grupo junino, é tudo. Pro próprio brincante também, o quadrilheiro mesmo, que gosta de dançar quadrilha mesmo. Então quando nós saímos daqui, em 2006, o concurso do Centur foi promovido pela primeira vez, o concurso da Fumbel foi promovido pela primeira vez, a Flor do Candorina saiu pela primeira vez e ganhou os dois em primeiro lugar, no Centur e na Fumbel, com miss e quadrilha. As meninas mirins saíram arrastando todas, e a quadrilha. Daí em diante, a Flor do Candorina, ela ficou conhecida, o nome do município Curuçá ficou conhecido nesses eventos, pra Belém, aonde nós chegávamos. E depois passamos pra adulto, também, ganhamos também na Fumbel, ganhamos na Fumbel Intermunicipal que eles fizeram pela primeira vez, e tiramos

também em primeiro lugar miss, marcador, quadrilha. Saímos pra disputar pela primeira vez Intermunicipal em Capanema e tiramos em primeiro lugar, quadrilha, miss, marcador. Nós temos como provar né? que nós temos os cheque aí, simbólicos. E saímos também daqui pra outros municípios, como eu falei anteriormente, Capanema, Mosqueiro nós também fomos, Mosqueiro, São João da Ponta, Marapanim nós se classificamos entre as três, Nanindeua... Ananindeua, nossas misses também se classificaram lá, então são vários, vários e vários títulos que a Flor do Candorina tem.

Com certeza, em primeiro lugar sim, porque cada ano que passa a Flor do Candorina ela tem que vim melhor do que o ano que passou, e justamente isso é pra concurso. Quando nós vamos formar o grupo, já é dito que é pra concurso, o objetivo primordial é o concurso, já são acostumados a disputar, e tem que ir e ganhar.

Iniciamos roceiro, agora ela é considerada Quadrilha Roceira Estilizada Flor do Candorina, porque a mudança nos traje... nós temos que acompanhar os outros grupos também, então devido a esse motivo que ela não é mais... até porque nem tem mais quadrilha tipicamente... aquela pura roceira. O que é roceiro dela? Tem a coreografia, os passos tradicionais nós temos, todinhos de quadrilha roceira, porém coreografados né? e o traje já vem estilizado.

A nossa estilista, sempre foi a Alessandra Marques, desde 2004, e a nossa costureira oficial é a senhora Socorro Castro, e ela possui ajudante também, porque ela sozinha não vai conseguir fazer 37 trajes. E o das misses não são confeccionados aqui em Curuçá, eles são confeccionados pra Belém, já é um outro estilista, elas vão, tiram medida, ou ele vem em Curuçá, tira medida, elas vão buscar o traje, os trajes são caríssimos, das nossas misses, porque nós temos que acompanhar. Traje de 2 mil, 3 mil, conforme o porquinho da miss, o cofre da miss.

Quem monta a quadrilha hoje... nosso último coreógrafo foi o Júnior Forró, mas pra outros eventos, nós também temos o... outro coreógrafo, Ednaldo Trindade, ele também, mas a quadrilha mesmo, pra sair em concurso, pra ir, foi o Júnior Forró.

Tivemos. Foi a Elma, a Elma foi até 2008, 2010 não houve coreógrafo, foi o Fábio, foi o Edevaldo e foi o Ednaldo, não houve um específico, foram eles que foram, entendeu? Aquele que tem da Aquanto, que tem na internet né? só aquele pedacinho, foram eles. Foram montando junto com os meninos pra vê se dava... eu gostei, ficou animado, mas é melhor vindo um só mesmo.

Sim, possui. Tem que haver seleção, porque nós preservamos muito a segurança do grupo e de todos que acompanham o grupo, então nós não costumamos assim,

aceitar qualquer tipo de pessoa pra vim dançar aqui, tem sim seleção, eu faço seleção, eu, a Valéria, nós procuramos saber quem é quem, aí da certo.

Se faz de tudo pra essa pessoa fazer parte do grupo Flor do Candorina. A minha filha, ela tem uma estratégia especial, que ela convoca outros brincantes pra ensinar, pra que aquela pessoa não se sinta excluída, só se num dé mesmo, mas quando ela inicia esse trabalho ela avisa logo:

- Nós vamos fazer tudo, se num dé, tu não vai te aborrecer...

E a pessoa não se aborrece mesmo, se conforma. A gente procura fazer tudo pra que dê certo.

Nós... quando o tempo está... quando a gente tá com bem tempo, se faz várias reuniões. Ano passado a gente não teve esse tempo todo, porque se nós... o tempo foi corrido né? mas a gente procura ta conversando com um, conversando com outro, pra ir avisando como é que é, principalmente pros que já chegam, mas a maioria, quando já chega, já vem instruído pelo outro colega que vem trazendo, já sabem como é que é né? ano passado nós estávamos tendo uns problemas, mas... 2013, aí alguns brincantes me chamaram, que não estavam gostando de certas atitudes que estavam ocorrendo no grupo. Tinha brincante que já era bastante adulto, bastante... dono mesmo do seu nariz, do seu corpo e da sua alma, já entravam no ensaio fumando, tinha o intervalo já corria todo mundo pra fumar, acabava o ensaio já saia todo mundo com o cigarrão na boca, e teve brincante que me chamou, vários brincantes me chamaram e falaram que não tavam gostando dessas atitudes. Eu concordei com eles, porque eu também estava observando. Que a gente deixa a corda ir, quando a gente vê que ta muito folgada, a gente puxa, porque a gente também fica observando. Peguei o intervalo de um ensaio, mandei todos sentarem, sentaram, conversei, e proibi mesmo, que não era mais permitido o uso do cigarro. De bebida, não, alcoólica, não, não tive esse problema. O uso do cigarro... até porque eles tavam dançando, era prejudicial também, tanto pra eles pra aqueles que estavam né? com aquela fumaça toda em cima deles, e eu fui bastante enérgica, mas a gente teve êxito, graças à Deus, nós conseguimos, alcançamos nosso objetivo, principalmente dessa parte aí, do cigarro, porque é feio.

Primeiro ano que nós saímos daqui pra viajar, foi no ano de 2008, foi uma felicidade tão grande pra nós, pros brincantes, que eu quase que nem acreditava. Nós... houve... nós fomos escolhidos por Belém, pela Associação... Aquanto, eles emitiram um ofício pra prefeitura, um fax, e através desse fax vinha dizendo quais foram os pontos que eles conseguiram observar na Flor do Candorina. O primeiro ponto positivo foi que

nós ganhamos no Centur e na Fumbel, então esse já era um ponto positivo. Outras... outro ponto positivo que eles observaram em nosso grupo, foi a nossa criatividade e a nossa disciplina em todos os eventos que nós nos apresentamos em Belém, então devido a isso a Associação de Quadrilhas Juninas se sentiu orgulhosa de indicar, pra representar o Estado do Pará em Brasília, a Flor do Candorina. Não era só o Pará que ia representar né? Curuçá, porque a quadrilha é de Curuçá. Então nós ficamos muitos felizes, todos nós, todos, os pais... foi muito bonito quando esse ônibus chegou aqui, teve pais que subiram no ônibus pra tirar foto de dentro do ônibus, sentavam dentro do ônibus pra tirar fotos, porque foi a primeira vez que entrou aqui no município um ônibus de turismo de dois andares, aí chamou bastante atenção, apesar de que ele já chegou a noite, mas mesmo assim... meu Deus do céu foi muito lindo. E nós viajamos também em 2009, nós fomos também pra lá, pra Brasília, novamente, e 2011, nós também fomos pra lá, pra representar o Estado do Pará e a bandeira do município de Curuçá, aja visto que se leva a bandeira né? e se posiciona a bandeira lá, de Curuçá quando tem a... quando tem... que chamam, aí vai a bandeira de Curuçá.

Huuuum! É visível pra todos, quando o grupo ta se apresentando, que todos... acho que tem gente que já fica até me olhando, porque eu não consigo me controlar. A minha emoção é muito grande, a minha felicidade é muito grande, que eu fico olhando eles dançarem, eles vêm dançando, vem sorrindo com uma felicidade que... repassa pra mim aquela felicidade deles, que eles vem com aquele sorrizão deles tudo dançando, e eu fico mesmo... fico mesmo muito feliz, eles me contagiam. Agora, é interessante, que eles sabem quando eu não estou gostando da apresentação, eu não consigo sorrir se eu não to gostando da apresentação, e eles sabem, dançando eles pensam logo:

- Hiiii! A professora não ta gostando da nossa apresentação, porque ela não está alegre.

Eu não consigo, eu não consigo mesmo. Aí, eu não sei se eu ajo certo, se eu ajo correto, se eu to errada aliás, não sei, sei que é de mim, de dentro do meu coração que vem isso.

A importância que o grupo tem... eu... eu Telma, eu vejo assim que a Flor do Candorina, ela ergueu, não diminuindo nenhum grupo e sim respeitando o trabalho de todos, mas eu vejo assim que a Flor do Candorina, ela ergueu... ela... um grande marco da cultura popular, ela serviu também, para outros municípios, para outros municípios também participarem desses eventos pra Belém, não só em Belém, como pra fora do Estado do Pará. Então eu vejo que a Flor do Candorina, pro município de Curuçá, ela é

um grande referencial cultural. Até dizem que ela é o Cartão Postal de Curuçá, essas palavras não são minhas né? eu vejo que ela é um grande referencial, porque chega em Belém e fala em Flor do Candorina, de Curuçá, é o nome...

- De Curuçá! Ah é aquela quadrilha lá de Curuçá.

Então ela é muito importante pro município.

Aaaaaaaai! A importância do grupo pra mim... eu to triste, porque nós não vamos sair esse ano, mas se Deus quiser, paro ano a gente sai. A importância do grupo pra mim... ela me faz bem, as vezes estressa, mas faz parte, mas me faz bem, a gente rejuvenesce, porque fica ali lado a lado com os jovens. É uma terapia muito importante. Inclusive eu até falei pro doutor que eu me consulto, o doutor Moacir, do coração, e ele disse... me deu um conselho, que eu nunca acabasse com esse trabalho, que eu sempre seguisse em frente com este trabalho, que isso me faz muito bem. Então eu sou grata, eu sou muito feliz por eu ter, por eu ter esse grupo, não só eu como a minha família né? porque eu sozinha, eu não faço nada. Mas pra mim, ela representa muito. Quando nós iniciamos, eu sinceramente, eu não esperava que fosse ficar nesse apogeu que a Flor ficou, que a Flor é, este grande apogeu cultural.

A Lela... a Lela... a Valéria, conhecida como Lela... ela é tudo dentro do nosso grupo, ela é o... ela é considerada a grande mentora, a grande mentora da cultura popular. Tem também o Edevaldo, que é o marido dela, também tem muita criatividade, né? É também considerado... foi considerado o melhor marcador da quadrilha pra Curuçá, isso pra mim é uma... foi uma grande honra ele ser considerado dentre os três melhores no Centur... então eles dois... eu sozinha... eu não vou... jamais eu vou conseguir colocar a Flor do Candorina sozinha, eu tenho que ter ajuda, e a ajuda que eu já sou acostumada e gosto de ter é deles dois... ela ta muito triste com certeza, mas ela tem que trabalhar, tem que... tem que fazer a vida dela juntamente com ele, eles tem que trabalhar pra ter o dinheiro deles... é isso.

ANEXO – 5

ENTREVISTA: Leandro Santos

ABRIL/2014

CATEGORIA: Brincante Da Quadrilha Flor Do Candorina

DATA: 25/04/14

Desd'o início de... no ano de 2003 quando a gente ensaiava lá num quintalzinho numa casa...

Era ali perto do Olinda, na casa do Titó.

Não, não... era... foi assim... porque a gente ia só montar a quadrilha pra dançar na escola, só que... aí, aí alguns brincantes falavam:

– Não, bora, bora sair professora pra dançar na rua, bora sair pra dançar na rua. Aí, foi, foi, a gente começou a ensaiar lá, lá no quintal dele.

Não, porque a gente ensaiava depois da aula, aí tinha que ficar arruando e desarrumando carteira, então a gente não queria ficar fazendo isso, a gente ia lá pro quintal dele ensaiar.

Só lá na... só na festa junina da escola... só um ano, aí foi, foi...

2003... eu tinha, tinha 12, porque eu faço aniversário em outubro.

Só na Flor do Candorina, só na Flor do Candorina, desd'a fundação até...

Antes, logo quando a gente... quando a gente fundou, assim... não tinha muito sentido sabe? ainda num... porque quando começa ninguém gosta, aí depois que a gente já foi... foi pegando aquele estilo roceiro aí foi... e a gente viu que dava pra disputar um concurso, aí... essa... a quadrilha pra mim é a minha vida eu gosto de dançar nela, até porque eu venho desde lá do início, então eu criei um amor tipo de mãe pra filho com a quadrilha.

Eu tava na... 6ª série eu acho... 6ª série.

A professora... foi a professora Telma Ramos... só ela... só ela... porque ia ser assim ó... a quadrilha ia se apresentar na escola, então era só a turma dela que ia se apresentar na escola, só que não tinha gente suficiente, aí ela foi botando gente das outras turmas, a turma dela era a 4ª série, aí a nossa era a 6ª, aí juntou a 4ª e a 6ª.

Não! Só era pra se apresentar na escola mesmo, a quadrilha tinha mais miss do que brincante. (risos).

eu aceitei...

Nesse tempo ainda era aqueles passos simples, assim... de quadrilha de escola mesmo sabe? Tem que fazer a roda, fazer o serrote, fazer a... os passos que são da quadrilha...os passos... como é que se diz?... os passos... os tradicionais, o caminho na roça...

O nosso era de... no primeiro ano que a gente saiu o nosso traje era azul e branco de TNT aí... a blusa... a nossa calça, era a nossa calça da escola *jeans* mesmo, a gente pregou umas bandeirinhas aí saiu.

Mas só que essa cor, azul e branco, a gente escolheu porque era a cor da escola... a cor da escola aí... aí lá do começo, do início da quadrilha... aí no segundo ano já veio de novo, azul e branco, aí então ficou a cor, azul e branco, por causa da escola e porque a quadrilha ainda... até o segundo ano e terceiro a quadrilha ainda fazia parte da escola, aí depois não, depois já foi entrando gente de outras escolas que não tinha nada a ver com a quadrilha.

Acho que foi uns três anos, porque se não dançasse na escola porque não era da escola.

No primeiro ano, quem montou a coreografia da quadrilha, foi o Titó, eu esqueci o nome dele...

É... ele era dá... dá... roceirinhos... não, não era roceirinhos, tinha um nome duma quadrilha que ele montava... esqueci o nome da quadrilha... antes dele... antes de surgir a nossa quadrilha de escola, ele já tinha uma quadrilha, aí... aí tinha alguns brincante que conheciam ele, aí pediu pra ele montar uma quadrilha só pra gente dançar na escola. Aí, aí no segundo ano, que já foram investir na quadrilha que... já era pra gente sair pra concurso, né? Aí, começaram a investir, aí, aí já conheceram a Elma, que dançou nos Matutos, lá de Belém, aí ela... ela que botou o estilo roceiro na Flor do Candorina, aí foi... até hoje... aí, ela ainda montou a Flor do Candorina em 2004, 2005, 2006, se eu não me engano, o último ano que ela montou a Flor do Candorina foi dois mil e... não sei se foi 2008 ou foi 2009, o último ano que ela montou. Aí depois veio o Edinaldo, só que o Edinaldo, ele botava o estilo dele, balé, aí a gente que já... já adaptava no roceiro, foi até meio ruim que ele queria fazer... passos que a gente nunca... nunca tinha feito assim... dá num tinha visto.

Era porque... a gente já era acostumado com o pé no chão, o pé no chão e o braço, balançando, não era acostumado ta jogando braço, tá girando muito, rodopiando muito. Então... daí veio o... aí saiu a Elma aí, aí um ano agente mesmo montou a

quadrilha, os brincantes junto com a comissão da quadrilha, foi o ano de... foi 2010, não sei se foi 2010 ou foi 2011... porque... mas acho que foi 2011, a gente que já foi montar, a gente foi, foi... já tinha... já tinha também, desde 2003, já tinha 7 anos, né? Aí, aí o... aí o Pré, o Fábio, aí tinha o Guilherme que... que ajudava a gente, a gente foi, foi... até que a gente montou a quadrilha, que a quadrilha não ia sair em 2011, a gente foi... a gente montou, a gente saiu... a gente ganhou um monte de concurso nesse ano de 2011, a gente ganhou no concurso de Capanema, ficou entre as 10 melhores do Centur, aí... a gente ficou entre as 10 melhores do Centur, eu sei que nesse ano a gente arrastou um monte de concurso, não lembro qual foi bem os concurso, mais desses dois... aí quando foi... foi 2011 pra 2012, aí o Forró... veio o Forró, que já é um estilo mais roceiro.

Forró... ele... eu não conheço muito ele, mas o estilo dele já vinha mais pro nosso, que é roceiro, diferente do Edinaldo.

Ele monta quadrilha em Mosqueiro, monta quadrilha em Belém... aí o... estilo do Forró, ele é mais roceiro, diferente do Edinaldo, que já é mais balé... aí tava modificando o estilo da quadrilha que é... que desde lá do início... do início não, do segundo ano da quadrilha que veio ser roceiro... aí a gente viu que tava modificando, então a gente chamou... a gente foi atrás de outro coreógrafo que fosse do nosso estilo... aí a gente foi... achou o Forró.

Roceiro... roceiro... olha, roceiro... o que eu entendo por roceiro é aquele estilo é... que a gente faz tipo é... caminho na roça... caminho na roça, o que o povo da roça enfrenta na sua trajetória, da sua casa até a roça, eles encontram formiga, chuva... tudo... é isso que eu entendo por roceiro.

A gente... na verdade quem... a gente veio do... veio ficar mais matuto porque... a Elma que dançava nos Matutos... então ela trouxe o estilo roceiro dos Matutos pra gente.

Eles são lá de Belém.

Ela era brincante dos Matutos.

Foi... no ano que a gente disputou o nosso primeiro concurso pra fora... foi a Fumbel... foi o ano que a quadrilha foi se... se... desligando da escola, ficando independente. Aí, a gente começou a ir pra... começou a sair por aí... a gente num era a quadrilha só de escola. A gente saía pra concurso... porque antes, logo no começo da quadrilha a gente só era... só era pra se apresentar aqui pela cidade, nas escolas quando tinha o forrozão, quando tinha o forró da escola e... aonde chamassem a gente aqui, a gente ia. Aí, quando foi, a gente foi crescendo, aí foi... a gente já foi se desligando mais

de ta dançando por aqui, nesses terreiros... começou a... só em concurso, concurso, concurso... aí foi se desligando da escola, foi no ano de 2005 pra 2006.

Tinha... logo no começo a gente pedia ajuda dos supermercados da cidade, dos empresários, da prefeitura, dos vereadores... aí, eles ajudavam a gente, aliás eles sempre ajudaram a gente, só que... a gente foi crescendo... a gente já foi sair pra esses concursos... a gente vendia bingo, fazia rifa, aí a gente fazia... quando a gente fazia muito bingo e muita rifa, a gente quase não saia pra pedir... aí, mas sempre eles ajudavam a gente, a prefeitura com o ônibus... aí, muitas pessoas com os lanches, e assim a gente ia.

Foi... a gente veio sentir a diferença quando... quando eu fui vê que a nossa quadrilha não era mas pra dançar em escola... não era pra ta dançando em escola... era uma quadrilha diferente porque nunca tinha participado de concurso... assim de quadrilha. Aí, quando a gente ganhou nosso primeiro concurso, foi até aqui em Curuçá, nosso primeiro concurso, foi lá na Brasília, a gente ganhou o concurso lá, aí as outras quadrilhas ficaram até com raiva porque as outras quadrilhas eram mais velhas que a gente... a gente... a gente no segundo, a gente chegar e arrastar logo concurso aqui dentro da cidade... aí foi, foi criando até uma rivalidade entre a gente e as outras quadrilhas. Aí quando... a gente começou a sair pro concurso aí... até os brincantes mudam a sua visão, vão ficando meio... até meio... não querem mais dançar na cidade, quer dançar só em concurso, só em concurso... não querem fazer apresentação nenhuma, só querem dançar no concurso.

A gente... a gente saiu pra dançar pra concurso, a gente... ainda nem sabiam que existia a Flor do Candorina, então a gente foi saindo pra dançar concurso, a gente foi ganhando os concursos, ganhando, foi ganhando Fumbel, Centur... aí a quadrilha foi ficando com o nome grande, aí... aí o pessoal ia se acostumando de tanto... em ganhar os concursos, que eles não queriam mais saber de tá dançando nos terreiros. Aí foi, foi que... quando a gente vai... acho que a gente dança... hoje em dia, né? A gente dança na cidade umas 5 vezes, aí o resto é tudo pra fora a maioria das vezes só em concurso... e justamente pra elevar o nome da quadrilha e o nome da cidade junto com a quadrilha.

Isso... até porque o... da dona... porque o povo... tem gente que não entende, tem gente que... logo quando a gente começou a dançar menos na cidade, assim... mais pra concurso, o pessoal falou que a quadrilha já era prosa, que a quadrilha só quer dançar em concurso, não quer mais saber de dançar na cidade... aí a gente... aí a gente foi, foi... eles ficaram chamando a gente de prosa, porque não queria mais dançar na cidade...

porque antes, onde chamavam a gente, a gente dançava aqui na cidade, e podia ser em terreiro só lama, terreiro de areia, aonde chamavam, a gente dançava. Aí, então quando a gente começou a ganhar cara de quadrilha de concurso... aí eles começaram a chamar a gente de prosa, a Flor do Candorina já tava prosa porque não queria mais dançar na cidade.

Eram 9 pares, 9 pares e 6 miss. (risos). No começo da quadrilha, tinha muita miss, ó... eram... tinha... era miss caipira, né? miss mulata cheirosa, miss simpatia, era... miss Flor do Candorina, e tinha mais uma miss, eu não sei se era se eram 6 ou eram 5 miss que a gente tinha. Aí a quadrilha cresceu...

Flor do Candorina surgiu porque... o nome da... a gente queria dá um nome, né? o nome da escola é Candorina Campos... aí a gente foi... foi botando nome que tivesse o nome da escola, aí foi botando um monte de nome, aí dava os nomes... era... não lembro dos nomes que tinha, mas o nome que ficou, que deu mais certo foi o Flor do Candorina. Aí, foram querer botar Roceirinhos do Candorina, só que o ficou mais certo foi Flor do Candorina.

Não. Foi escolhido assim:

- Esse nome!
- Não, Não, a gente não gostou.
- Ta bom, então a gente vai botar Flor do Candorina.
- Eh! Flor do Candorina é bom.

Aí todo mundo gostou do nome, aí ficou o nome, Flor do Candorina.

Não, só quem pode te explicar isso, é a professora Telma.

O marido da professora Telma, o seu Sérgio, ele queria mudar o nome, queria botar outro nome, porque ele achava que Flor do Candorina ainda tava muito lá na escola, então ele falou:

- Não! Bora mudar o nome. A gente vai mudar o nome porque ainda ta com o nome da escola.

A gente falou:

- Não! A gente não vai mudar nome, porque a gente conseguiu... a quadrilha já é conhecida por esse nome, Flor do Candorina. Então, se a gente mudar, a gente vai deixar tudo o que a gente conquistou pra trás, todas as nossas vitórias que a gente conquistou, a gente vai deixar pra trás, então bora continuar deixar Flor do Candorina mesmo.

Aí ele não mudou o nome. Só ele que queria, só o seu Sérgio que queria.

A gente... sempre que dá... aliás em todos os arraiais do Candorina a gente dançou. Que... nunca a gente deixou de dançar lá. Até porque a quadrilha surgiu lá. Aí até hoje, ainda até hoje tem um vínculo assim com a escola porque dizem assim:

- Sim! Vocês tem o nome da escola na quadrilha de vocês e vocês não dançam lá, por quê?

Um monte de gente pergunta, até a diretora da escola. Não tem nem como dizer não, que é verdade.

Não. Nem sempre porque... teve um ano que a gente ia pro concurso, e esse concurso caía certo na festa da escola, aí o que a gente fez? Pra gente não deixar que... não deixar falarem da gente, a gente foi dançar na escola e depois foi pro concurso, fez a apresentação na escola e foi pro concurso.

Não me lembro muito bem.

A gente começou ensaiando na escola, depois da escola a gente... dois anos a gente ainda ficou ensaiando na escola, depois... não, não... a gente ensaiou um ano na escola e no segundo ano, quando a gente foi ensaiar a quadrilha, a gente foi ensaiar numa sede, no Umarizal. A gente ensaiava no Umarizal, aí a gente ainda ficou ensaiando mais uns três anos no Umarizal. Aí quando foi... aí foi passando de ano a gente já passou a ensaiar a quadra, na praça. Aí tinha... a gente ensaiava na quadra de outra escola, na quadra do Olinda, na quadra do Maria Hyluiza.

Isso, sempre. Nunca teve um... a quadrilha nunca teve o espaço dela pra ensaiar. A gente tinha um espaço que era só nosso, que ninguém ensaiava lá, que era ali na colônia dos pescadores, era só nosso aquele espaço, nenhuma quadrilha ensaiava lá.

É uma... não... aliás é o nome da colônia, fica na beira da maré, aí tem a sede da colônia lá.

É uma rua. O nome da rua é Saldanha Marinho. Aí a gente ensaiava lá, era até mais escondido pra... que a gente queria que todo mundo visse a gente só na estreia, a gente tinha todo aquele mistério, ninguém podia assistir nosso ensaio, nem mãe de brincante, nadinha, justamente que a gente queria causar aquela surpresa na estreia, como sempre foi.

Eram “fechados”, porque era numa rua então dava pra assistir, esse da colônia. Aí antes da gente estrear, a gente ia dançar na quadra, que era pra medir os espaços melhores... aí já... todo mundo já assistia.

A nossa disciplina era boa por quê? Porque tinha gente pra botar respeito ali. Num... se tu começasse avacalhar, logo tu saia da quadrilha. Aí tinha um ensaio que

faziam só com as mães, tinha reunião com as mães. Aí a gente já saía pro concurso... as mães já deixava a responsabilidade na coordenação da quadrilha, porque eles sabiam lidar com a gente, e eles não deixavam ficar aquele negócio bagunçado porque... quando falam negócio de quadrilha pra mãe... aí já viu né? logo é quadrilha... depois que acabar a quadrilha a menina vai aparecer grávida, sempre é assim, a visão de quadrilha só é bandalheira, isso que é a visão de quadrilha no olho dos outros, mas a gente que tá lá, lá dentro, a gente sabe, só a gente sabe como é a Flor do Candorina. Só quem tá envolvido que sabe, porque quem tá fora diz assim:

- Ah não, não vou sair nessa quadrilha porque quadrilha é tudo avacalhado.

Aí quando chega na Flor do Candorina, tem outra visão, outra visão do que é a Flor do Candorina pra outra quadrilha.

As viagens que a gente fazia era assim. A prefeitura dava o transporte, chegava tudo certinho, na hora certa, aí os brincantes chegavam... era... os homens iam num lado e as mulheres iam no outro lado, era tudo organizado. O lanche, tinha a hora do lanche, e sempre antes de dançar a gente lanchava, que não era pra ninguém tá passando mal. Aí sempre antes de dançar a gente lanchava, aí depois que acabava a gente tinha outro lanche. Aí todo mundo de novo, na volta, homem de um lado, mulher do outro, sem nenhuma bandalheira, nenhuma sacanagem, por isso que... sempre foi tudo organizado, todos os brincantes respeitavam a comissão, que a quadrilha tinha, uma comissão muito... tinha não, tem né? uma comissão muito boa. Aí todo mundo respeitava.

Houve. Houve quando a quadrilha foi... porque quando a gente começou a dançar, a gente era... todo mundo era criança né? aí quando foi... quando as pessoas começaram a ficar maior de idade, aí... eles queriam já... já queriam tá levando bebida no ônibus escondido, pra concurso, queriam tá... queriam fumar, aí só que sempre vinha a comissão e cortava isso, aí sempre vinha a comissão e cortava, nunca... por isso que nunca a organização nunca acabou, porque sempre quando isso ia começar, em vez deles apoiarem, não, eles cortavam, por isso que existia uma boa organização.

Sempre a gente levava pandeiro, levava tuba, a gente ia na descontração lá no ônibus, pra não ficar só naquela viagem enjoada, tá um olhando pra cara do outro, aí a gente levava os instrumentos, ficava até cantando as músicas da quadrilha no ônibus.

Sempre que a gente chegava na saída da cidade, a gente tinha que rezar o nosso Pai Nosso, na saída da cidade e quando a gente saía da cidade que a gente ia dançar o concurso, sempre a gente rezava, sempre.

Olha, as vezes quando a gente ia num lugar perto de Curuçá, a gente já vinha tudo arrumado, todo mundo já vinha arrumado só pra descer do ônibus e dançar. Quando era longe tipo Belém, Capanema, ia todo mundo desarrumado, só que a gente saia algumas horas antes, antes de começar o concurso, muito antes, pra gente chegar lá dá tempo de todo mundo se arrumar sem ter nenhuma pressa, sem chegar em cima do concurso, sempre dava tempo da gente se arrumar.

Não foi fácil, eu não sabia que a quadrilha não ia sair esse ano, mas... não por... eu sei que a quadrilha não vai sair porque não... a gente não quer sair por motivo de doença, motivos pessoais, aí eu já fico até mais conformado, mas tá sendo muito ruim vendo as outras quadrilhas ensaiarem sabendo que a minha quadrilha não vai sair, porque eu já to acostumado chegar esse tempo de junho eu pegar minha roupa da quadrilha e sair por aí dançando. Mas só uma coisa, eu só danço na Flor do Candorina, eu não aceito convite de outras quadrilhas, se ela não sair 5 anos, eu fico 5 anos sem dançar.